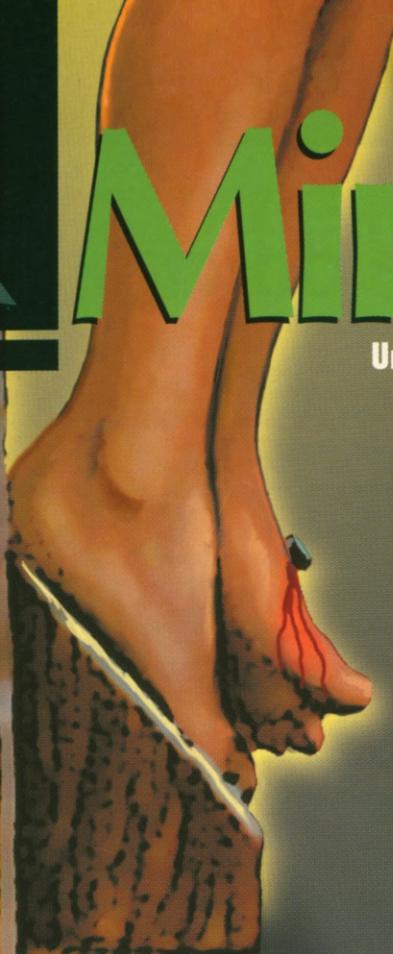




Julho - Agosto de 2001

# Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



**Lutero  
e a justificação  
pela fé**



HEBER 01



Divulgação

# A santidade do chamado

## WILLMORE EVA

Editor de Ministry

**V**ocação ou carreira? Profeta ou profissional? Sacerdote ou guru? Convicção ou complacência? Afinal, por que nós somos ministros? Por que estamos, você e eu, fazendo este trabalho? O que realmente nos leva a priorizá-lo? O que nos conserva executando-o? Mais desafiador ainda, o que consideramos ser, de fato, o coração do ministério pastoral?

“O que eu mais odeio é a apavorante e sistemática trivialização do trabalho pastoral. É parte de uma trivialização maior, da própria cultura, tão vasta e epidêmica que existem dias em que sua ruína parece assegurada. Embora em outros dias, nós captemos um vislumbre de glória – um homem aqui e uma mulher ali determinados a viver nobremente.”

Com essas palavras, Eugene Peterson retoma a idéia da santidade vocacional. Nesse contexto, ele fala de “pastores forjando uma identidade vocacional tirada de modelos que eles recebem dos principados e poderosos” ao seu redor. Tais modelos, ele continua, “foram fortes em poder (fazendo as coisas acontecerem) e na imagem (aparentemente importantes). Mas nenhum deles pareceu congruente com o chamado que eu senti dentro de mim mesmo”.

Em suma, o chamado está baseado no fato de que ele mesmo, mais que o próprio ministro, é santo. Isso não é nada novo; mas, considerando que esteve esquecido durante os últimos 30 anos, ou mais, é um conceito que estava em decadência. Nosso chamado é genuinamente santo, porque foi feito pelo próprio Deus.

Devemos insistir no reconhecimento de que o chamado ao ministério, nosso chamado, é santo; algo que foi originado no coração de Deus. Todavia, pouco a pouco, correndo no ritmo do conhecimento e da visão imediatista, o pastor se torna sujeito a desenvolver facilmente um ministério de minúcias e trivialidades, um mero profissionalismo, simplesmente um emprego, apenas mais uma outra profissão. Eu não desejo, definitivamente, roubar o ministério de sua relevância. Meu maior desejo é que meu coração sempre pulse com a convicção de que Deus me chamou para fazer o que atualmente estou fazendo em meu ministério.

**O chamado  
é santo porque tem  
origem no coração  
de Deus.**

Algun tempo atrás, eu estava conversando com um dos meus colegas de pastorado; um companheiro a quem muito admiro e respeito. Aqueles momentos que passamos juntos foram muito inspiradores para mim. Ele simplesmente falou a respeito da profunda consciência que ele possui no sentido de que, quando se levanta para pregar, em qualquer lugar, é Deus quem inspira sua alma com um conteúdo particular, para aquela congregação particular, naquele momento particular. Ele disse sentir que é Deus quem o envia para falar àquelas pessoas, naquele tempo. Há alguma coisa magnífica e verdadeira na convicção que esse companheiro partilhou comigo.

Ezequiel possuía tal convicção. Ele não podia fazer meramente sua própria vontade. Seu trabalho era o trabalho indicado pelo Espírito. “Então entrou em mim o Espírito, quando falava comigo, e me pôs em pé, e ouvi o que me falava... Eles [a congregação de Ezequiel], quer ouçam quer deixem de ouvir, porque são casa rebelde, não sabem que esteve no meio deles um profeta. Tu, ó filho do homem, não temas, nem temas as suas palavras, ainda que haja sarças e espinhos para contigo, e tu habites com escorpiões;

não temas as suas palavras, nem te assustes com o rosto deles... Eis que fiz duro o teu rosto contra o rosto deles, e dura a tua frente, contra a sua frente. Fiz a tua frente como o diamante, mais dura que uma pederneira; não os temas pois...” (Eze. 2:2-3:9)

Há uma questão indicativa da nossa qualificação para continuar exercendo a vocação a nós confiada. Ela parece estar assinalada na frente de todos quantos hoje se intitulam clérigos. E tem a ver com nossa credibilidade. A grande questão é: quão profunda e real é a nossa conscientização da santidade do nosso chamado? Não somos atores, não somos profissionais envolvidos em negócios terrenos. Nossa tarefa tem dimensões eternas, celestiais, altamente espirituais.

Onde quer que atuemos, o que quer que façamos, precisamos pensar e agir em conformidade com a nobreza dessa vocação. Deixemos que Deus nos guie no oceano da vida, direcionando com sabedoria o curso da nossa embarcação ministerial. Ele sabe como nos desviar dos obstáculos, procelas e ondas que ameaçam a nossa integridade vocacional. ✓

# Ministério

Uma Publicação da Igreja Adventista  
do Sétimo Dia

Ano 72 – Número 04 – Jul./Ago. 2001  
Periódico Bimestral

**Editor:** Zinaldo A. Santos

**Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos

**Chefe de Arte:** Marcelo de Souza

**Programador Visual:** Jobson Santos

**Colaboradores Especiais:**

James Cress; Alejandro Bullón; Jonas Arrais;  
Wilmore Eva; Julia Norcott

**Colaboradores:**

Arlindo Guedes; Jair Garcia Góis;  
José S. Ferreira; Mário Valente;  
Montano Barros Neto

**Capa:** Heber Pintos

**Diretor Geral:** José Carlos de Lima

**Diretor Financeiro:** Edinor Max Gruber

**Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:

<http://www.cpb.com.br>

Serviço de Atendimento Direto:

[saa@cpb.com.br](mailto:saa@cpb.com.br)

Ministério na Internet:

[www.dsa.org.br/ministerio](http://www.dsa.org.br/ministerio)

[www.dsa.org.br/elministerio](http://www.dsa.org.br/elministerio)

Tiragem: 4.300 exemplares

5953/8521

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:  
Caixa Postal 2600; CEP 70279-970,  
Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA  
CERTIFICADA PELA ISO 9002

Editora dos adventistas do Sétimo Dia

Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,  
18270-970 Tatuí, SP



EDITORA AFILIADA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

## Sola gratia

**G**raça é a revelação redentiva do amor de Deus, em Jesus Cristo, pela humanidade caída. Nas palavras de Aiden W. Tozer, “é o bel-prazer de Deus que O inclina a outorgar benefícios sobre os que nada merecem. É um princípio auto-existente, inerente na natureza divina e parece-nos uma propensão autocausada, no sentido de compadecer-se dos desgraçados, poupar os culpados, dar boas-vindas ao réprobo, e favorecer os que antes estavam sob justa reprovação”.

A graça surge do coração de Deus, da profundidade incompreensível do Seu ser. É um atributo de Deus e Ele não pode escondê-la, assim como o sol não pode ocultar o seu fulgor. Mas o canal pelo qual ela flui em direção dos homens é Jesus Cristo crucificado e ressurreto.

Desde os dias do Antigo Testamento até hoje, ninguém foi salvo a não ser pela graça de Deus. Adão, Eva, Caim, Enoque, Noé, Abrão, Moisés, Josué, Raabe, Pedro, Paulo, João e nós somos aceitos por Deus apenas em virtude da dispensação da Sua graça. É assim que somos declarados justos. Os argumentos de Paulo na carta aos cristãos romanos tornam isso bem claro; e iluminaram o caminho da vida espiritual de Martinho Lutero. Foi ao deparar-se com a realidade da graça divina e o significado da justiça de Cristo em relação ao ser humano que ele pôde desfrutar a vida religiosa, ao invés de sofrê-la. O conceito de salvação somente pela graça tornou-se marca distintiva da Reforma Protestante – *Sola gratia!*

Para Lutero, justificação pela fé não significou apenas uma doutrina cuidadosamente elaborada, mas uma experiência transformadora de vida. Lutero entendeu e experimentou o evangelho como “o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”. Foi essa transcendente experiência de justificação, regeneração, liberdade e transformação que fez a diferença em sua existência.

Dessa forma, a significativa divergência suscitada entre os reformadores e a Igreja Católica não se limitava apenas à intransigência dos líderes dessa Igreja. O problema era que Lutero e os demais reformadores não podiam continuar submissos a idéias doutrinárias que os distanciavam dos princípios básicos sobre os quais tão abençoado senso de justificação pessoal, inocência e paz com Deus foi construído.

Sem a graça, nada somos, nada temos. Depender dela é estar seguros contra o orgulho, o egoísmo e a altivez, tão prejudiciais ao exercício do pastorado. Por isso, Paulo afirmou: “Pela graça de Deus, sou o que sou...” (I Cor.15:10).

Celebremos a graça. Ela nos basta.

**Zinaldo A. Santos**

- 10 • PEQUENAS VÍTIMAS** • Subsídios para o pastor tratar as consequências do abuso sexual infantil.
- 12 • PRINCÍPIOS ONTEM E HOJE** • Profundo estudo sobre princípios bíblicos e sua aplicação.
- 17 • LUTERO E O EVANGELHO** • A grande descoberta de Lutero e seus resultados.
- 21 • DIVÓRCIO E NOVO CASAMENTO** • Análise de textos bíblicos sobre motivos para a separação conjugal.
- 24 • O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO** • O propósito de Deus ao Se tornar homem através de Jesus Cristo.
- 26 • CONSERVE A COLHEITA** • Medidas que podem evitar a evasão de membros.
- 28 • O TEMPO DA ARRIBAÇÃO** • Uma reflexão a respeito da jubilação pastoral.
- 30 • COMO PRENDER A ATENÇÃO** • Sugestões que ajudam o pregador a conservar seus ouvintes atentos.

## SEÇÕES

- 3** EDITORIAL
- 4** CARTAS
- 5** ENTREVISTA
- 8** AFAM
- 9** PONTO DE VISTA
- 16** IDÉIAS
- 32** NOTÍCIAS
- 34** RECURSOS
- 35** DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



**“Podemos fruir o favor de Deus.  
Não devemos estar ansiosos acerca  
do que Cristo e Deus pensam de nós,  
mas do que Deus pensa de Cristo,  
nosso substituto.  
Vós sois aceitos no Amado.”**

Ellen G. White

## João e a transfiguração de Cristo

*Descobri que houve um problema técnico, no processo de transmissão do meu artigo “João e a transfiguração de Cristo” (Ministério – maio/junho), e alguns termos gregos não foram bem recuperados. As vogais que usam o sinal de “vogal longa” (um – colocado em cima da letra) apresentaram problemas. Esse sinal é colocado sobre o segundo “e” da palavra memartyreken, em cima do “o” de martyreo e martyron, sobre o primeiro “e” de akekoate, no segundo “o” de akouo, nos dois “e” de skene, no “e” e no segundo “o” de skenoo.*

*Para facilitar a leitura sem o sinal de vogal breve, sugiro a transliteração conforme as orientações seguintes:*

*Onde se lê memartyrek n e martyre (pág. 19, parágrafo 4), leia-se respectivamente memartyreken e martyreo.*

*Na página 20, referência 10, onde se lê martyr n, leia-se martyron. Na mesma referência, onde se lê martyre, leia-se martyrei. Na referência 12, em lugar de ak kóate, leia-se akekoate; e em lugar de akouú, leia-se akouo. Ao contrário de sk n, na referência 16, leia-se skene. Finalmente, na referência 17, leia-se skenoo em lugar de sk nó.*

**Dr. José Carlos Ramos**



ZINALDO A. SANTOS

# Na dependência de CRISTO

**O** Pastor Ted N. C. Wilson, 51 anos, é filho do Pastor Neal Wilson, ex-presidente da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e Elinor Wilson. De seu casamento com Nancy Louise, nasceram as filhas Emilie Louise, Elizabeth Esther e Catherine Anne.

Iniciou suas atividades pastorais em 1974, como pastor distrital na Associação de Nova Iorque, após concluir a Faculdade de Teologia no *Columbia Union College*, e o mestrado na Universidade Andrews. Ph.D. em Educação Religiosa, serviu como missionário na África (1981-1990), secretário associado da AG (1990-1992), foi presidente da Divisão Euro-Asiática (1992-1996), e diretor geral da *Review & Herald Publishing Association* (1996-2000). Atualmente é um dos vice-presidentes da Associação Geral.

Nesta entrevista, o Pastor Ted Wilson fala sobre o trabalho do pastor e do secretário ministerial, com seus desafios e alegrias, do crescimento da Igreja e de questões relacionadas com a escatologia adventista.

**Ministério:** *Quais foram a motivação e os principais objetivos das recentes reuniões consultivas realizadas pelos departamentos da Associação Geral?*

**Pastor Ted Wilson:** O grande propósito dessas reuniões foi dar oportunidade para que os líderes das Divisões mundiais

discutissem e planejassem juntos ações para o presente quinquênio. O tipo de abordagem para cada reunião variou de acordo com o departamento e as necessidades dos Campos. Verificou-se um grande espírito de unidade e encorajamento espiritual. A presença de Deus foi sentida.

**Ministério:** *Quais as expectativas da liderança AG quanto aos resultados práticos desses encontros?*

**Pastor Wilson:** A Associação Geral quer disponibilizar os recursos necessários para o cumprimento da missão. O Senhor nos deu muitos recursos que necessitam ser partilhados. Mais do que recursos financeiros, estamos falando de idéias e programas utilizados para o evangelismo público e nutrição espiritual dos membros. Isso necessita ser partilhado com o Campo mundial. Cada Divisão, União e Campo local, deverá adaptar e contextualizar o formato dos programas às suas realidades específicas. Mas a mensagem é clara: levar Cristo às pessoas e chamar-lhes a atenção para a proximidade da Sua segunda vinda. Isso é um privilégio.

**Ministério:** *Como o senhor pessoalmente avalia a importância das reuniões?*

**Pastor Wilson:** A importância reside nos objetivos orientados para a missão e nos resultados que virão. É importante que trabalhemos unidos, como uma Igreja mundial, sob a guia do Espírito Santo. O que o inimigo mais gosta é de criar facções. Mas se orarmos, estudarmos e trabalharmos juntos, podemos

crescer no Senhor e em direção aos alvos que Ele tem para a Sua Igreja nos últimos dias.

**Ministério:** *O senhor esteve boa parte do tempo com os secretários ministeriais. Qual a sua visão do papel do secretário ministerial na Igreja?*

**Pastor Wilson:** O secretário ministerial desempenha um papel muito importante. Ele deve conservar unido o time pastoral, treinar e motivar pastores e líderes voluntários para o evangelismo, assistir aos pastores e respectivas famílias em suas necessidades espirituais; é um pastor de pastores. Como tal, deve conservar o pastorado olhando a Cristo e crescendo espiritualmente em Sua dependência. O secretário ministerial necessita constantemente imprimir em nossos pastores a unicidade da nossa missão como adventistas do sétimo dia. Não somos apenas mais uma Igreja. Temos a missão de proclamar a mensagem de Apocalipse 14:6-12.

**Ministério:** *Algumas pessoas identificam certa tensão entre o trabalho do secretário ministerial e o do administrador. Como o senhor vê isso?*

**Pastor Wilson:** Se existe, não deveria haver tensão nenhuma. Administradores e secretários ministeriais devem trabalhar juntos. É bom lembrar que o secretário ministerial é o secretário da Associação Ministerial, cujo diretor é o presidente do Campo. Portanto, o presidente também deve estar pessoalmente envolvido na promoção do bem-estar espiritual e crescimento dos pastores,

trabalhando junto ao secretário ministerial, apoiando os planos evangelísticos e facilitando o crescimento educacional e espiritual dos pastores e respectivas famílias.

**Ministério:** *Que qualidades específicas um secretário ministerial deve possuir?*

**Pastor Wilson:** O principal critério para alguém ser escolhido como secretário ministerial é que ele seja uma pessoa altamente espiritual, íntimo de Cristo e capaz de cuidar e nutrir os pastores em sua importante missão.

**Ministério:** *O que o senhor pensa do envolvimento de mulheres no ministério pastoral?*

**Pastor Wilson:** Há muito trabalho para todos os que desejam cumprir a missão da Igreja. Uma pessoa não precisa ser ministro ordenado para fazer um trabalho abençoado. As mulheres podem atuar junto aos pastores distritais como obreiras bíblicas, professoras, conselheiras, além de ajudar na capelania de instituições. Com o apoio dos pastores, e devidamente treinados, mulheres, homens e jovens podem se tornar ganhadores de almas e alimentar a igreja local. A esposa do pastor pode trabalhar com ele. Aliás, Ellen White aconselha que a esposa que trabalha junto com o marido pastor deveria receber salário. O Senhor necessita de todos, homens, mulheres, crianças e jovens, trabalhando em Seu favor nos últimos dias da história terrestre.

**Ministério:** *Como o senhor vê o pastor adventista diante dos desafios do mundo moderno?*

**Pastor Wilson:** Necessitamos de confiar completamente no Senhor e em Sua Palavra. Necessitamos ter melhor compreensão da Bíblia. Necessitamos compreender a importância da comunhão com Deus. Necessitamos revelar Cristo em nossa vida e no púlpito. O demônio fará tudo para desviar a nossa atenção. Nesta era altamente tecnológica, necessitamos trabalhar sem perder de vista que o tempo de comunhão com Deus é mais importante do que tudo o mais. Maiores desafios ainda virão. E somente em estreita comunhão com Cristo e Sua Palavra estaremos capacitados a enfrentá-los com êxito.

**Ministério:** *Quais deveriam ser os critérios de avaliação de um pastor, considerando*

*do que alguns trabalham sob condições menos favoráveis que outros?*

**Pastor Wilson:** A Escritura diz que toda boa árvore produz bons frutos. Um pastor deve ser alguém respeitado como pregador da Palavra em qualquer circunstância. Alguém que produz bons frutos evangelísticos através de seu trabalho e do treinamento de outras pessoas para o testemunho. Sua família deve ser um modelo do que Deus deseja para as famílias. Os membros da igreja devem perceber o pastor como uma pessoa que tem um conhecimento experimental de Cristo. A congregação

*O principal  
critério  
para alguém  
ser um secretário  
ministerial,  
é que ele seja  
uma pessoa  
altamente  
espiritual,  
íntimo  
de Jesus.*

precisa ver no pastor um ministro de reconciliação, promotor da harmonia e unidade em Jesus.

**Ministério:** *Como vai a Igreja Adventista no mundo?*

**Pastor Wilson:** A Igreja está crescendo em muitas partes. Diariamente, três mil novos crentes, em média, são conquistados. Estamos presentes em 204 dos 299 países do mundo, publicando literatura

em cerca de 310 idiomas e proclamando o evangelho em 803 línguas e dialetos. Pelo poder de Deus, quase um milhão de conversos são acrescentados à Igreja todos os anos. Em algumas partes crescemos mais devagar devido ao materialismo, secularismo e outras razões. Devemos orar e trabalhar por essas áreas, a fim de encontrar os sinceros filhos de Deus. O Espírito Santo, não tenho dúvidas, nos guiará. Somos aproximadamente 12 milhões de membros batizados e cresceremos mais ainda, através dos pequenos grupos, evangelismo público, distribuição de literatura, evangelismo do rádio e TV e ministério pessoal.

**Ministério:** *Quais são os maiores desafios missionários da Igreja hoje?*

**Pastor Wilson:** Alguns dos nossos maiores desafios estão sendo estudados pelo Conselho de Evangelismo e Testemunho da AG. Há quatro áreas que estão sendo observadas com cuidado: 1) evangelização das cidades e áreas urbanas do mundo; 2) evangelização de pessoas com mentalidade secularista; 3) evangelização da chamada Janela 10-40; e 4) parceria evangelística com os jovens. As grandes cidades apresentam cada vez maiores desafios. Mas Ellen White nos dá muitos conselhos sobre como trabalhar nessas cidades. Necessitamos usar o contato pessoal e programas via satélite. Também precisamos desenvolver métodos pelos quais os irmãos possam estabelecer contato com pessoas que aparentemente não têm o menor interesse nas coisas espirituais. O desafio da Janela 10-40, região do mundo onde as pessoas conhecem muito pouco de Cristo, é um dos maiores. Precisamos de sabedoria divina para alcançar muçulmanos, budistas, hindus e outros que necessitam ser alcançados pela salvação de Jesus. A parceria com nossos jovens é uma das grandes oportunidades evangelísticas para o futuro. Nossa Igreja foi estabelecida por jovens e eles têm um grande papel a desempenhar no cumprimento da missão.

**Ministério:** *Como alguém que trabalhou no território da antiga União soviética, fale-nos algo a respeito do trabalho nessa área.*

**Pastor Wilson:** Foi um grande privilégio trabalhar na Divisão Euro-Asiática durante quatro anos. O Senhor abriu as portas e o evangelho está sendo pregado com poder naquela região do mun-

do. Foi uma grande alegria ver as pessoas respondendo tão positivamente à mensagem do evangelho e à oportunidade de ter a Bíblia nas mãos. Muitas reuniões evangelísticas foram realizadas e igrejas foram construídas. Existe liberdade religiosa em muitas partes daquele território. Entretanto, há locais onde ainda existem restrições quanto a se fazer reuniões evangelísticas ou construir igrejas, considerando que a influência de um grupo religioso maior cria limitações. Em todo caso, o trabalho está crescendo e estão acontecendo milagres no sentido de alcançar muitos grupos de pessoas. O materialismo e o secularismo são muito fortes ali. Devemos continuar orando por nossos pastores e irmãos da Divisão Euro-Asiática.

**Ministério:** *Alguns críticos argumentam atualmente que a Igreja está se tornando mais ecumênica do que deveria, na tentativa de aproximação com outros grupos. Como o senhor lhes responderia?*

**Pastor Wilson:** Devemos ter cuidado com a idéia de ecumenismo. Devemos conservar sempre o privilégio da liberdade religiosa e de consciência. Temos crenças distintas, baseadas nas Escrituras, e não devemos comprometê-las sob nenhuma hipótese. Mas isso não significa que não possamos nos relacionar bem com outros grupos cristãos. Devemos ser o povo mais feliz e amistoso do mundo, já que temos muita informação sobre o grande amor de Deus pelas pessoas. Devemos partilhar com outros o que temos, de um modo amoroso. Não há necessidade de causar atritos e dificuldades, embora isso vá acontecer no devido tempo. Em lugar de atacar, devemos mostrar às pessoas a verdade em toda a sua glória. Pela graça de Deus, devemos ser amistosos com outros grupos religiosos, mantendo a distinção de nossas crenças. No livro *Eventos Finais*, página 41, lemos o seguinte: “Os adventistas do sétimo dia foram escolhidos por Deus como um povo peculiar, separado do mundo... Em sentido especial foram os adventistas postos no mundo como atalhas e portadores de luz. A eles foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo a perecer. Sobre eles incide maravilhosa luz da Palavra de Deus. Confiou-se-lhes uma obra da mais solene importância: a proclamação da primeira, segunda e terceira

mensagens angélicas. Nenhuma obra há de tão grande importância. Não devem eles permitir que nenhuma outra coisa lhes absorva a atenção.”

**Ministério:** *Como o senhor vê a influência política dos Estados Unidos e a liberdade religiosa ao redor do mundo?*

**Pastor Wilson:** Sabemos, pela profecia de Apocalipse 13, que os Estados Unidos terão uma grande parte, junto com outros países, em limitar a liberdade religiosa e liberdade de consciência. À medida que observamos o atual crescimento da influência política,

*Nesta era  
altamente  
tecnológica,  
necessitamos  
trabalhar  
sem perder de vista  
que o tempo  
de comunhão  
com Deus é mais  
importante  
do que tudo o mais.*

econômica e social desse país, com uma superpotência mundial, podemos entender como ele e outras nações controlarão os indivíduos e suas atividades religiosas. Devemos estar vigilantes para proteger a liberdade de consciência diante das autoridades em qualquer país. Também devemos ser cuidadosos, evitando especular sobre fatos isolados como se eles fossem algo que realmente não são. É importante

que usemos o tempo que ainda nos resta para pregar o evangelho e manter um forte programa de educação com líderes governamentais sobre a santidade da liberdade religiosa e de consciência. Certamente muitos eventos no mundo e nos Estados Unidos indicam que estamos perto do fim da história terrestre. Mas devemos estar preocupados em nos consagrar diariamente ao Senhor, pedindo-Lhe que nos use em Sua obra. Nossa ênfase deve ser a proclamação do evangelho, em vez de focalizar nossa atenção tentando interpretar cada pequena nuance dos acontecimentos. Deus está no controle; o que há de vir virá.

**Ministério:** *Como um vice-presidente da Associação Geral, que objetivos o senhor gostaria de ver cumpridos na vida de cada pastor e respectiva família?*

**Pastor Wilson:** Como um pastor, eu me incluo na visão de quais objetivos deveriam ser cumpridos em nossa vida. Através de um relacionamento íntimo e diário com Cristo, devemos crescer mais e mais na dependência dEle, compreendendo nossa fraqueza e nossa necessidade de Sua graça e justiça. Na medida em que focalizamos sobre o que Jesus fez por nós no Calvário, o que Ele faz agora como Sumo Sacerdote no santuário celestial, e o que fará por nós quando voltar, podemos entender nossa total necessidade dEle. Atiremo-nos a Seus pés, cada dia, e entreguemos nossa vida e nossas ações em Suas mãos. Meditemos nEle. Necessitamos nos tornar, por Seu Espírito, mais e mais semelhantes a Cristo Jesus. Juntamente com nossos familiares, devemos ser mais ativos em ajudar nossos irmãos a desenvolver planos para alcançar seus familiares e amigos com o evangelho. Conserve-mos nossa missão e nossos objetivos bem claros diante de nós, sem que desviemos o olhar de Jesus. Pelo poder do Espírito Santo, precisamos cumprir cabalmente o nosso ministério. Há muitas coisas que tentam nos distrair da verdadeira missão. O pastor é alguém que ama as pessoas, é aceito como alguém espiritual e humilde, empenhado em levá-las a Cristo e prepará-las para Sua segunda vinda. Nada disso é possível sem que o pastor e sua família vivam em total dependência de Cristo. ✓

# Quando chega a hora de **MUDAR**



Divulgação

## RAQUEL ARRAIS

*Coordenadora associada do Ministério da Mulher e da Afam, na Divisão Sul-Americana*

“Mudanças abrem portas para novos caminhos, que podem ser mais claros e melhores. Mudanças nos levam a situações onde podemos descobrir quem somos e o que podemos ser. Nem sempre são fáceis, mas nos levam para a frente. São um desafio! E podem ser uma chance para encontrarmos o que sempre desejamos.”

vida ministerial, são sempre positivas, nem sempre é fácil. Embora a frequência de transferências varie de região para região, as estatísticas mostram que 20% dos pastores, em média, mudam a cada ano.

As razões pelas quais acontecem as mudanças são muitas e complexas. Estão envolvidos aspectos tais como remanejamento do grupo de obreiros, crescimento profissional, planejamento do Campo, e, possivelmente, uma cultura segundo a qual o pastor precisa mudar periodicamente. O desafio é administrar esse aspecto que faz parte da nossa vida, sem transformá-lo num problema de família.

Para isso, há dois pontos a serem observados:

### 1. Os filhos

Quando meu esposo e eu nos preparávamos para mudar para Brasília, uma das nossas primeiras preocupações foram os filhos. Perguntávamo-nos se eles ficariam magoados pela nossa decisão de aceitar o chamado. Para mim, a resposta foi “não”.

Embora os meninos experimentassem amizade e carinho por parte da igreja na qual servíamos, o fato de termos desenvolvido um espírito de equipe ministerial em família facilitou bastante as coisas, o que já ocorrera em todas as nossas mudanças anteriores.

Mostrar aos filhos o lado bom e positivo, os benefícios de estarmos em um novo lugar, faz parte da nossa estratégia como pais. Eles desenvolverão maior capacidade de adaptação, se sentirão integrados e felizes no trabalho ministerial, pelas amizades conquistadas em diferentes lugares.

### 2. A esposa

Iniciar um novo trabalho geralmente é mais fácil para o pastor; mas nem sempre para a esposa. Frequentemente acontece de a nova igreja possuir uma longa lista de preocupações imediatas. Em função disso, o pastor logo se envolve no trabalho. Durante pelo menos seis meses, terá atividades de planejamento, comissões, reuniões diversas, tendo em vista atender à demanda do novo trabalho.

Quase sempre, tão logo o pastor chega, já participa de concílios e outros encontros durante os quais facilmente se integra com os novos colegas. Por sua vez, com os filhos na escola e o esposo ocupado, a esposa frequentemente enfrenta mais dificuldade na transição. Para aquelas que têm uma carreira, o fato de não encontrar trabalho gera um sentimento de solidão e isolamento frustrante. O que fazer? É absolutamente essencial que haja um espaço no início desse novo trabalho, com a intenção de criar oportunidades para novas amizades e novos interesses.

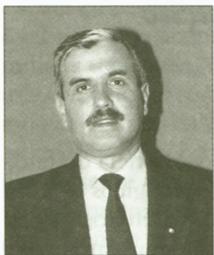
Numa das igrejas lideradas pelo meu esposo, tão logo chegamos, encontrei uma amiga que me encorajou a participar de uma orquestra. Isso foi fundamental para estabelecer amigos e envolver nossos filhos na comunidade. Portanto, não importa o objetivo que se queira alcançar, estar aberta a novos relacionamentos pode ser o veículo pelo qual a interação ocorrerá, facilitando o envolvimento da esposa do pastor com a nova igreja.

A experiência tem mostrado que esposas de pastores dotadas de uma autoimagem positiva, casamento e vida familiar satisfatórios, não são aquelas que passam anos e anos no mesmo lugar. Ao contrário, as que mudam mais encontram maior satisfação. Para elas, as mudanças significam novas oportunidades para crescer. Os primeiros seis meses são sempre os mais difíceis; mas haverá condições para os ajustes à nova rotina. Seja paciente e dê tempo para esses ajustes.

Mudanças ajudam a crescer e abrem portas para novos desafios. Mas, acima de tudo, desenvolvem a fé que provê a estabilidade necessária para um novo começo, na certeza de que Deus estará sempre conosco.

“O Senhor guardará a tua saída e a tua entrada, desde agora e para sempre.” (Sal. 121:8). ✓

# O PASTOR e os JOVENS



**ROBERTO A. GIGLIOTTI**

*Diretor de Jovens na Associação  
Argentina Central, Buenos Aires*

**N**a Igreja Adventista do Sétimo Dia, basicamente existem três tipos de reuniões regulares, durante as horas do sábado: a Escola Sabatina, o Culto Divino e o Encontro Jovem. Geralmente as duas primeiras reuniões são realizadas pela manhã. A terceira, à tarde.

Interessante é notar que em algumas das nossas igrejas, grandes ou pequenas, durante a tarde acontecem diversas atividades que envolvem os membros: comissões, ensaios de coral e conjuntos, estudos bíblicos, batismos, visitas a doentes, cursos ou seminários de treinamento, distribuição de folhetos, visitas a familiares, amigos e outras igrejas, recitais, além do descanso pessoal.

Todas as atividades sabáticas são boas e úteis para o desenvolvimento de nossos irmãos. Mas muitas vezes me pergunto qual dos três encontros sabáticos é o mais importante: a Escola Sa-

batina, o Culto Divino ou o Encontro Jovem? São eles iguais em importância? Por que temos tão reduzida participação da irmandade no Encontro Jovem? Será ele uma exclusividade dos jovens?

Não me interprete mal. O que quero dizer é que as três reuniões sabáticas deveriam ser consideradas como de igual importância participativa. Nenhuma delas é igual em sua estrutura; cada uma é diferente. Talvez, em muitos casos (no subconsciente), interpretamos o Encontro Jovem como uma reunião de segunda categoria. Não fazemos isso por nossas palavras, mas através das atitudes.

## Apoio decisivo

Qual é a mensagem que transmitimos quando nos ausentamos do Encontro Jovem? Como seus líderes se sentem ao verem poucos assistentes? Por que o suspendemos em favor de outra programação?

Quando ocupo a hora do Encontro Jovem para atender assuntos “mais importantes”, estou dizendo com minha atitude que a programação jovem não é relevante. E os jovens não apreciam estar em lugares sem importância. Desejam que observemos como eles crescem, como se esforçam e como podem fazer programas atrativos. Esperam uma igreja repleta de irmãos que participem de suas atividades. O êxito de seus empreendimentos depende da quantidade de pessoas que participam das reuniões que promovem.

Caso surja a necessidade de uma programação especial para a tarde do

sábado, esta deveria ser inserida no Encontro Jovem. Não deveríamos anunciar: “Hoje não teremos o Encontro Jovem”, mas: “durante o Encontro Jovem teremos tal atividade (batismo, palestra, seminário, etc.). E isso não é uma questão apenas de semântica.

Os jovens desejam participar. É responsabilidade dos líderes pastorais ensiná-los, inspirá-los, motivá-los e aconselhá-los. O primeiro objetivo do ministério jovem é “salvar do pecado e guiar no serviço”. A Igreja necessita apoiar mais os jovens. Lembremo-nos de que nosso primeiro campo missionário é o lar.

Diz Ellen White: “Muito se tem perdido para a causa de Deus devido à falta de atenção aos jovens. Os ministros do evangelho deveriam estabelecer uma relação feliz com os jovens de suas congregações. Há uma grande resistência da parte de muitos em relacionar-se com os jovens, porém isso é considerado no Céu como uma negligência do dever, um pecado contra as almas pelas quais Cristo morreu... O amor de Jesus conquistará o coração dos jovens, e quando ganharmos a confiança deles, ouvirão nossas palavras e aceitarão nossos conselhos. – *Review and Herald*, 24/03/1891.

## O exemplo dos pioneiros

Os pioneiros do movimento adventista eram jovens. Deus os abençoou e fez prosperar seu trabalho. Hoje, em pleno século 21, necessitamos de maior apoio para nossos jovens. Embora como Igreja tenhamos experimentado muitas conquistas nesse assunto, diante da iminente volta de Cristo, devemos ajustar nosso sistema para que tudo funcione harmonicamente. Não os deixemos sós no exercício da liderança ou das tarefas que lhes confiamos. Necessitamos de que mais pastores e líderes abracem de coração o ministério em favor dos jovens.

Meu maior desejo é ver a Igreja crescer mais rapidamente e se fortalecer em unidade, com a participação da juventude, preparando-se para o encontro com Cristo Jesus. ✓

# Pequenas VÍTIMAS



**ANTONIO ESTRADA M.**

*Ph.D., conselheiro matrimonial  
e professor no Centro Universitário  
Adventista, São Paulo, Brasil*

**J**á tive oportunidade de ajudar muitas vítimas de abuso sexual. Infelizmente, elas são mais numerosas do que imaginamos. Não existe apenas uma causa isolada indutora do abuso sexual. Elas são múltiplas, tanto no âmbito individual como no sociocultural. Os especialistas apontam quatro pré-condições para o abuso sexual. A primeira é a motivação, que contém três componentes: congruência emocional (quando o abuso satisfaz alguma necessidade emocional do agressor), excitação sexual (quando a criança é uma fonte potencial de gratificação sexual), incapacidade para manter uma relação sexual normal.

A segunda é a ausência de inibidores internos. Quando eles são derrubados ou vencidos, o risco de abuso é alto. A terceira é a ausência de inibidores externos. Os dois primeiros fatores têm a ver com o agressor; mas esse último está relacionado com a supervisão e o cuidado que a vítima recebe de outras

## *As conseqüências do abuso sexual infantil são devastadoras. Mas existe solução para o problema*

peçoas, sejam elas familiares, vizinhos ou amigos.

O maior inibidor externo em uma família é a presença protetora dos pais. Se esta não existe, e uma criança está perto de um indivíduo com motivação para o abuso e sem inibidores internos, o risco aumenta perigosamente. Isso explica por que filhos de pais que trabalham, que estão separados, doentes, ou morreram, são mais vulneráveis ao ataque sexual do que aqueles protegidos por um adulto.

A quarta pré-condição é quando a resistência da criança é vencida. O carinho dos pais e a educação preventiva incrementam a resistência dos filhos. Por outro lado, a coerção, as ameaças, os presentes, a imaturidade, o retardamento mental, a ignorância e o suborno debilitam a resistência infantil.

Cerca de 80% dos casos de abuso sexual acontecem em famílias de alcoólatras. Paradoxalmente, em seguida, estão as famílias muito religiosas. Segundo estudiosos, muitos agressores provêm de famílias altamente moralistas, ou pertencentes a grupos com orientação religiosa fundamentalista, nos quais a religiosidade é exibida publicamente mas não é praticada no âmbito privado.

### **Conseqüências**

Os efeitos imediatos do abuso sexual, que também servem como indica-

dores da ocorrência do fato, podem ser físicos, psicológicos e comportamentais. Entre os efeitos físicos estão ferimentos, sangramentos nas áreas genitais, inflamações ou infecções uretrais, vaginais ou anais, dores estomacais e de cabeça, vômito, alterações do apetite, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez.

Como efeitos psicológicos figuram ansiedade, agitação, pesadelos, fobias, pânico, vergonha, culpa, sentimento de desamparo, incapacidade de concentração, enjôo, isolamento e depressão. Já as manifestações comportamentais são conduta sexual aberta (masturbação, modos sedutores no falar, vestir e agir). Baixo rendimento escolar, hiperatividade, medos e fobias também fazem parte da lista.

Mas as conseqüências posteriores são as mais prejudiciais e que podem tornar infelizes pelo resto da vida tanto a vítima como as pessoas com as quais ela se relaciona. Uma criança que foi vítima de abuso sexual e não recebeu ajuda profissional oportuna, pode ficar prejudicada para o resto da vida. Pode alterar sua identidade, satisfação familiar, êxito profissional e sua relação com Deus.

Os efeitos psicológicos e comportamentais podem aparecer na infância e continuar pelo resto da vida. Há uma espécie de síndrome da ferida que permanece, caso a vítima tenha sofrido

dor física durante o abuso. É quase certo que ela sinta estar ferida para sempre, e que não é completa. Isso exerce um impacto muito forte na auto-estima da criança, levando-a a sentir-se em desvantagem em relação aos outros.

Os pais, envergonhados pelo que aconteceu e temerosos de que o fato se repita, limitam a interação com outras crianças fora de casa. Dessa maneira, a vida social é alterada, gerando incapacidade para fazer amizades. É comum as vítimas de abuso sexual se descreverem como pouco atrativas, limitadas ou inúteis.

### Níveis de culpa

Em algumas pessoas, a culpa surge quase instantaneamente. Em outras, depois que o segredo é revelado. Essa culpa surge em três níveis. No primeiro, a vítima se sente culpada por imaginar-se responsável pelo que aconteceu. Às vezes, a família, a sociedade, médicos e juízes contribuem para tal sentimento.

O segundo nível de culpa ocorre quando o segredo é descoberto. Nesse caso a vítima se sente responsável por denunciar o fato primeiro à família, e, depois, aos médicos e autoridades. O

terceiro nível deve-se às mudanças produzidas na dinâmica familiar. Depois da descoberta e da denúncia, nada mais será igual nem para a vítima nem para a família. É comum que a família mude de residência, igreja e até de religião; geralmente a vítima muda de escola. Se o pai é o agressor, a desintegração familiar é total. As famílias se dividem entre a favor e contra a denúncia. Diante disso, a vítima sente-se culpada, pois o ressentimento de quem estava a favor da denúncia recai sobre ela.

A sexualidade da vítima também é alterada. Pesquisas confirmam que vítimas de incesto sofrem disfunções sexuais, algumas não conseguem excitar-se, outras padecem de anorgasmia primária ou secundária. Há quem se entregue à promiscuidade e à prostituição, outras à pornografia lucrativa, e algumas vítimas se tornam abusadores sexuais. Também há quem não consiga desenvolver uma identidade sexual própria, e podem chegar a ser homossexuais.

### Reações

A lista de conseqüências é grande, dependendo da idade e do sexo da víti-

ma, o tempo da agressão, o número de vezes, a relação com o agressor e a violência ou não do ato. Quanto mais velho e mais próximo da vítima for o agressor, maior será o trauma.

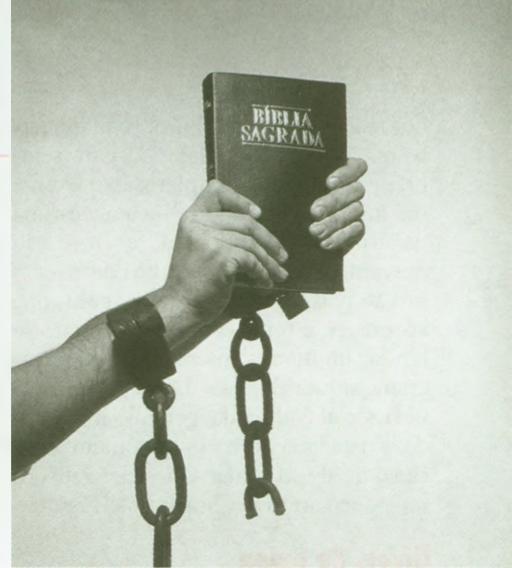
Ao nos inteirmos sobre um caso de abuso em nossa comunidade, certas reações são naturais. Primeiramente, pode haver incredulidade, se o acusado é um membro respeitado na igreja, ou podemos reagir com indignação. Podemos ter medo por não saber como administrar o caso. Seja como for, é responsabilidade dos ministros do evangelho ajudar as famílias que experimentam esse tipo de tragédia. A ordem de Cristo, no sentido de ajudar aos “quebrantados de coração”, inclui as vítimas de abuso sexual.

O agressor, a família e a igreja necessitam saber que a graça de Cristo pode transformar as tendências herdadas e adquiridas. Portanto, uma restauração completa é possível, trabalhando-se em cooperação com os agentes divinos. Todas as feridas podem ser curadas pela graça de Jesus. Louvado seja Deus por isso. ✓

## Saiba como ajudar as vítimas

- Muitos pastores não têm preparo adequado nem experiência para assuntos desta natureza. Enquanto cuidam do aspecto espiritual, devem buscar ajuda de um profissional cristão de psicologia experiente.
- Preste atenção aos indicadores. Mas não faça abordagem direta. Isso pode parecer ameaçador. Crie um ambiente de confiança, apoio, genuína preocupação e confidencialidade. A pessoa fará a revelação.
- Crianças raramente mentem quando dizem que sofreram abuso sexual. Duvidar é mostrar insensibilidade e trair a confiança. Não descreia e garanta que fará tudo para averiguar o caso e proteger a vítima.
- Verifique toda a história. Tal atitude confirma seu interesse em ajudar. Observe a espontaneidade e consistência das respostas. Use linguagem compreensível.
- Nunca insinue que a criança pode ter sido culpada pelo que aconteceu.
- Vítimas de abuso necessitam de ouvidos confiáveis, respeitosos, sinceros e cristãos.
- A vítima de abuso sexual deve sentir que não será julgada, condenada ou envergonhada pelo seu pastor. Por isso, evite expressões de horror e desaprovação.
- Este é um assunto confidencial. Não peça à criança que conte o que aconteceu na presença de terceiros. Você mesmo aja com prudência ao relatar os fatos à comissão da igreja, escola, etc.
- Transmita a certeza de que a vítima de abuso sexual continua tendo para você o mesmo valor que sempre teve.
- É muito importante que a pessoa saiba que continua sendo alvo do amor de Deus. Que Ele deseja curar suas dores e feridas emocionais e restaurar completamente a sua vida.
- Mobilize todas as forças disponíveis na igreja para que, como uma comunidade espiritual, ajude a família a recuperar-se do trauma sentido.
- É natural que alguns membros sintam indignação, outros, incredulidade, e haja divisões. Alguns vão querer perdoar, e outros, “fazer justiça”. Ore a Deus pedindo sabedoria e prudência para harmonizar esses sentimentos.
- O agressor deve ser tratado como qualquer outro membro faltoso. É provável que também esteja sofrendo. Necessita experimentar o perdão de Deus, da família vitimada, de si mesmo e da igreja. Precisa de ajuda espiritual e terapia especializada.

# PRINCÍPIOS ontem e hoje



*Fazer algo movido por um princípio é mais do que cumprir um dever pelo dever. É uma escolha moral diante de Deus*



Divulgação

**JUAN MILLANA O.**

*D.Min., professor no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP*

**É** tarefa da Igreja preparar um povo para a segunda vinda de Cristo, baseada em princípios sólidos e bíblicos. Esse é um grande desafio, visto que os princípios da sociedade secular têm como fonte originadora as idéias e experiências humanas. Em geral, esses princípios são contrários aos de Cristo. Paulo traçou uma linha de separação entre os “rudimentos do mundo” e a crença em Cristo (Col. 2:20). Aqui Paulo escreve contra qualquer filosofia de vida baseada apenas em idéias e experiências humanas. Ele não condena a filosofia, mas os ensinamentos centralizados no homem e não em Cristo. Mesmo quando

a sociedade secular reconhece a importância dos princípios, a sua fonte não é a mesma dos princípios cristãos.

Entre as propostas vigentes mais populares sobre a origem dos princípios, estão as idéias de Emmanuel Kant. Basicamente, ele propôs uma deontologia (estudo dos deveres), para regular a existência humana em comunidade. Propôs que as ações resultantes dos desejos não podem ser livres; que a liberdade somente pode ser encontrada na ação racional. Essa ação racional não pode basear-se nos desejos de uma só pessoa, mas deve estar de acordo com uma lei universal. Kant também disse que nossas ações possuem valor ou dignidade moral somente quando cumprimos o dever por causa do seu benefício intrínseco.

Os escritos de Kant registram a proposta do princípio universal da razão: o indivíduo só deve agir na linha daquilo que virá. A lei moral produz inevitavelmente em nós um sentimento de reverência ou temor. Mas, deveria ser esse sentimento a base para a obediência aos princípios? Essa lei universal de Kant tem sua eficácia desmentida pelo mundo violento e sem respeito ao próximo em que vivemos. Parece que o homem necessita de algo mais que ele mesmo e sua razão, para estabelecer e viver princípios.

Nos dias de Israel, Deus proveu im-

portantes princípios de vida para o Seu povo, que lhe assegurariam um bom relacionamento com Ele e com o próximo. Em Deuteronômio 4:44-28:68, está registrado o segundo discurso de Moisés. Ali se destacam os seguintes princípios para uma vida santa:

- Os Dez Mandamentos
- Amar a Deus
- Leis referentes ao culto
- Leis governamentais e nacionais
- Leis para o relacionamento humano
- Conseqüências da obediência e da desobediência

Com o passar do tempo, Deus foi ampliando a instrução sobre os princípios. Em todos os tempos, Ele tem proposto a Seu povo princípios e ideais. Nos escritos de Ellen White, os princípios da vida cristã têm origem em Deus e usualmente aparecem ligados a Seu reino. Os ideais estão vinculados ao ministério da Igreja, especialmente no contexto de desafiar os jovens a progredir na vida.

## Definição

Segundo os dicionários e o parecer de estudiosos, podemos definir princípio de muitas formas:

- Uma regra de ação ou conduta aceita ou professada.

- Uma lei fundamental, um axioma ou doutrina.

- Uma base, pessoal ou específica, de conduta ou administração; adesão aos princípios de alguém.

- Um sentido de direção dos requisitos e obrigações de uma conduta correta.

- Uma qualidade essencial; determinada característica de algo.

- Agência originadora ou atuante: Deus, que permite o crescimento no princípio da vida.

Sem dúvida, vários desses conceitos se aplicam ao ser e fazer do ministro adventista e às igrejas onde ele serve.

Se um princípio é visto como conduta professada, lei fundamental ou como sentido de direção, todas essas acepções podem ser ligadas ao caráter moral de Deus. Fazer algo ajustado a um princípio é mais que simplesmente cumprir um dever pelo dever; é uma escolha ou manifestação moral diante de um Deus moral. Não é difícil que nossa deontologia chegue a ser o que exigimos dos outros. Mas o Deus da Bíblia busca reproduzir Seu caráter em Seus filhos e nunca lhes apresenta um dever sem lhes dar tempo para cumpri-lo. Geralmente Deus trabalha a longo prazo. Salomão nos ensina que os princípios de Deus para o viver correto trazem felicidade duradoura porque nos guiam numa conduta a longo prazo, apesar dos nossos mutáveis sentimentos (Prov. 10:2).

Os altos e baixos da vida cristã fazem os princípios imprescindíveis. Estamos sugerindo ver a vida através de princípios e causas? Não; mas também não podemos viver só por impulsos, idéias da moda, tendências da maioria, etc. Os espíritos mais livres pertencem a homens e mulheres que conscientemente são orientados a construir sua vida diária ao redor de princípios e leis da palavra de Deus. Por que a desobediência é má? Porque Deus a vê assim. Sem princípios imutáveis de uma lei maior, contaremos apenas com a mutabilidade da moda, ou de uma invenção passageira qualquer. Os princípios são indicativos divinos de caráter moral que iluminam nossas escolhas diárias.

### Identificando princípios

Considerando a relevância da Bíblia, como podemos identificar seus princípios e como eles nos afetam positivamente? Um exemplo que pode aju-

dar é encontrado em II Cor. 12:9 e 10. Ali Paulo fala de um “mensageiro de Satanás, um espinho na carne” que o atormentava (v. 7). Há muita especulação sobre o que era esse “espinho”: dor de cabeça, de ouvido, problemas de visão, malária, epilepsia, problemas de fala, hipocondria, infecção dental e até piolhos. Seja o que for, Paulo não apreciava. Pediu três vezes a sua remoção (v. 8). O “espinho” o mantinha humilde fazendo-o sentir-se frágil. Em lugar de removê-lo, Deus lhe deu graça para suportá-lo. Usou o “espinho” para mostrar Seu poder.

A resposta divina vai além do problema específico. O Senhor não disse: “Meu poder se aperfeiçoa em teu espinho”, mas “Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”. Assim, já não era importante para Paulo a identificação do problema. A promessa de Deus se aplica a qualquer coisa que nos faça sentir fracos, humildes e dependentes dEle.

Também está implícito, na experiência de Paulo, o que toda pessoa precisa fazer. O apóstolo diz alegrar-se nos insultos, perseguições, necessidades e fraquezas. Nenhum desses itens é igual ao seu “espinho”, mas todos eles possuem certos pontos semelhantes quanto às conseqüências. Paulo sabia que a graça de Deus era suficiente para suportar tudo. Qualquer que seja nosso problema ou espinho pessoal, podemos descansar na graça e no poder de Cristo.

Do ponto de vista metodológico, identificar os princípios gerais na Bíblia depende de fazer as perguntas certas. Há três perguntas que devem ser feitas ao texto bíblico:

- Estabelece o autor um princípio geral? Em I Cor. 8:9, Paulo facilita nosso trabalho, declarando explicitamente o princípio: nossa liberdade não deve ser um troçoço para os fracos na fé. Mas nem sempre a identificação do princípio é facilitada. Em Efé. 6:5, Paulo recomenda obediência aos senhores terrestres. Como não há mais escravidão, a ordem parece não ter aplicação direta em nossos dias. Aliás, esse é um dos três exemplos que Paulo dá na carta aos efésios. Os outros são o conselho sobre obediência aos pais (Efé. 6:1) e a submissão das esposas aos maridos (Efé. 5:22). Cada um desses ilustra o princípio geral que é submeter-se um ao outro, em reverência a Cristo (Efé. 5:21).

- Por que razão foi dada a instrução em apreço? Quer seja estabelecido ou

não um princípio geral, usualmente podemos encontrar algum se observarmos não só o mandamento em si mas a razão pela qual foi dado. Os mandamentos nunca são estabelecidos ao léu. Na carta aos gálatas, Paulo instrui especificamente contra a circuncisão (Gál. 5:2 e 3). Mas apesar da proibição, muitos continuavam praticando-a. Eram desobedientes? A única maneira de responder é observar por que Paulo fez a advertência.

A passagem não fala somente de uma circuncisão carnal ou física. Em Cristo, isso não tem valor (v. 6). Paulo não condena o ato físico, mas as razões da circuncisão em uma pessoa, ou seja, uma tentativa de justificação própria (v. 4). O princípio geral é que não podemos ganhar o favor divino mediante esforços próprios, mas podemos recebê-lo pela fé. Então, quais serão os níveis de aplicação?

1. Os gálatas não deveriam procurar ser circuncidados. Por quê?

2. Porque ninguém pode ser justificado ou perdoado pela obediência da lei. Por quê?

3. Porque não podemos ser aceitos por Deus com base em nossos méritos. Somente pela fé.

O princípio geral está no segundo nível. Mesmo assim era mais específico para a cultura judaica. Encontramos o princípio mais amplo no nível 3. Esse princípio é suficientemente amplo para aplicar à situação que encaramos hoje.

- Revela o contexto mais amplo um princípio geral? Nessa busca de princípios, é importante considerar o contexto imediato como o mais amplo. Em I Cor. 8, o princípio está no contexto imediato (v. 9). Em Efésios, foi necessário buscar nos três parágrafos precedentes o texto alusivo à escravidão

Que exemplos de princípios bíblicos podemos citar do Antigo Testamento? No contexto dos grandes princípios divinos enunciados por Moisés em seu segundo discurso, os seguintes tópicos parecem ter especial utilidade para o ministério adventista de hoje.

*Os altos e baixos da vida cristã tornam indispensáveis os princípios.*

*Princípios relacionados ao culto.* Em Núm. 29:1, aprendemos que as santas reuniões implicavam a suspensão de trabalhos pesados. A Festa das Trombetas demonstrava três grandes princípios para o culto de hoje. Qual era a prática e qual o princípio?

- A prática de o povo reunir-se para celebrar e adorar. O princípio aqui é que existe um benefício extra na adoração coletiva.

- A prática de suspender a rotina diária, não fazendo trabalhos pesados. O princípio é que adorar requer tempo, e separar esse tempo ajuda a ajustar nossas atitudes posteriores e projetar as futuras.

- A prática de sacrificar animais e oferecer ofertas queimadas. O princípio é a mostra de nossa dedicação a Deus, quando Lhe damos algo de valor. A melhor dádiva somos nós mesmos.

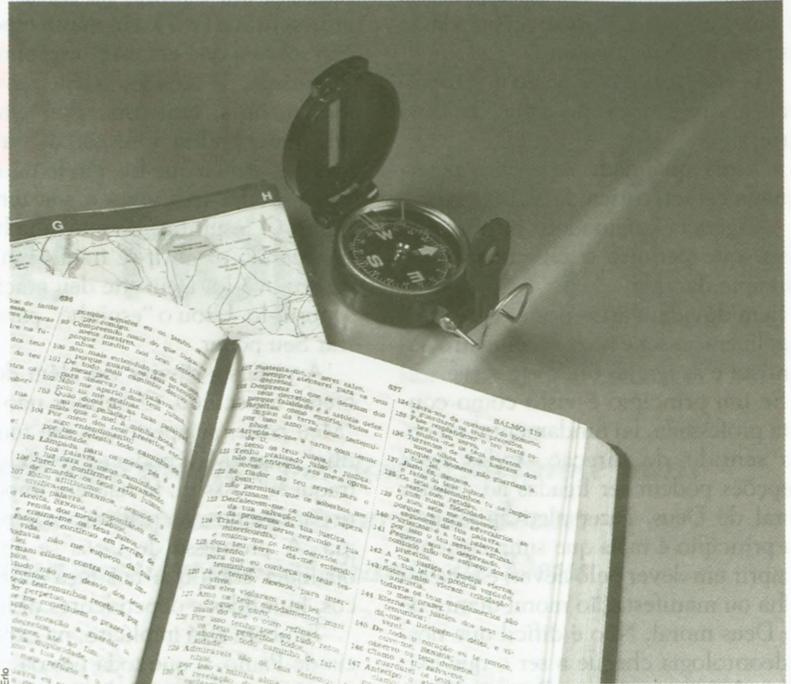
Embora não pratiquemos sacrifícios de animais no culto, os princípios que os motivavam – perdão dos pecados e gratidão a Deus – ainda se aplicam.

*Princípios referentes às relações humanas.* O capítulo 21 de Êxodo exemplifica que essas leis foram dadas porque tudo o que fazemos tem conseqüências. Ao nos relacionarmos com outras pessoas, deveríamos

manter os princípios dessas leis em mente, agindo de modo responsável e de maneira justa com amigos e inimigos. Salomão ensinou que “responder antes de ouvir é estultícia e vergonha” (Prov. 18:13). O princípio aqui presente é o dever de sempre se buscar informação adicional. A outra alternativa é preconceito ou julgar antes de se obter os fatos.

Sobre a honestidade, em Miquéias. 7:1-4, se adverte que o modelo de honestidade provém de Deus e não da sociedade. Somos honestos porque Deus é verdade.

*Princípios referentes a Deus e Seus mandamentos.* De Levítico 8:8 se entende que Deus tinha um propósito específico ao usar um método de direção, que era ensinar à nação os princípios de segui-Lo. Em Josué 20:6 observamos



*Os espíritos mais livres pertencem a indivíduos que edificam a vida sobre princípios divinos.*

que os levitas estavam a cargo das cidades de refúgio. Eles deviam assegurar-se de que os princípios divinos de justiça e equidade seriam mantidos (Núm. 35:6, 11-28).

Em Josué 24:31-33, aprendemos que o pacto com Deus requer renúncia aos princípios e práticas da cultura que nos rodeia e que são hostis aos planos do Senhor. Baseados em Levítico 27:3-34, podemos inferir, quanto à devolução do dízimo, que muitos dos princípios relacionados aos sacrifícios e aos dízimos eram orientados pelo fomento de atitudes internas e ações externas. Deus ama ao doador alegre, agradecido (II Cor. 9:7). A discussão atual sobre o dízimo e sobre o que é a “casa do tesouro” deveria considerar que o propósito final da benevolência sistemática é a santificação da vida do indivíduo que dizima e oferta.

Podemos citar dois princípios bíblicos do Novo Testamento. Um refere-se ao primeiro concílio da Igreja cristã. O segundo envolve a reverência no culto e o respeito pela esposa. Em Atos 15:1-4, Paulo e Barnabé comparecem ao Concílio de Jerusalém para explicar suas ações. O argu-

mento de alguns fariseus é evidenciado no verso 5. Por que deveriam os gentios ser circuncidados? Porque Moisés assim o ensinou. Os fariseus não citavam um princípio ou razão. Simplesmente lembraram a Paulo e a Barnabé que sua função era apenas obedecer sem fazer perguntas.

Se Moisés o fez, então não deveria haver discussão. Na última parte de Atos 15, encontramos que o Concílio, após debater, colocou a circuncisão numa categoria opcional para o cristianismo. Teriam reclamado os tradicionalistas, dizendo que a medida feria a singularidade do movimento? Teriam sugerido que a Igreja estava se comprometendo com o mundo?

Passados dois mil anos, vemos o acerto daquela decisão. Em lugar de perder a singularidade, os crentes buscaram algo mais perdurável, não uma circuncisão externa da carne, mas do coração e de uma vida transformada. O princípio permaneceu inalterado, porém os tempos tinham mudado, os assuntos também mudaram; portanto, a Igreja e sua maneira de conduzir-se frente ao princípio teve de mudar.

O segundo exemplo encontra-se em

I Cor. 11:2-16. Essa seção fala sobre as atitudes próprias no culto. Mesmo quando contém indicações específicas de Paulo com uma base moral não permanente ou cultural, os princípios por trás da prática ainda são válidos: respeito pela esposa e reverência no culto.

## Vivendo os princípios

Os princípios divinos identificados na Bíblia devem ser vividos e empregados a fim de preparar um povo para encontrar-se com Deus. Devem ser ensinados princípios bíblicos e não meras aplicações. A questão não é poder, ou não, fazer isto ou aquilo. O importante é o que está por trás da nossa fé. Apenas os seres racionais lutam, vivem os princípios e fazem escolhas. As leis de Deus estão resumidas no amor a Deus e ao próximo. Governam esses dois princípios nossos pensamentos, decisões e ações? Fazemos ou deixamos de fazer algo, não por estarmos diante de autoridades, ameaças, circunstâncias, conveniências, mas diante de Deus e Seus princípios.

Diante de Deus, fazemos tudo voluntariamente, por escolha própria. Como tudo o que fazemos tem suas conseqüências, os princípios nos aju-

dam a fazer a melhor escolha. Dar “receitas” para viver não é apropriado porque os princípios implicam escolhas próprias, dentro do contexto do bem e do mal.

Talvez a experiência da Igreja primitiva (Atos 15) seja a que melhor ilustre a diferença entre princípios e aplicações. A aplicação é sempre um assunto aberto à discussão, devido a fatores culturais, temporais e circunstanciais. Dois mil anos atrás, muitos tradicionalistas confundiram aplicação com princípios. Tentaram colocar a aplicação dentro do círculo interno, junto com os princípios, crendo que cada mudança implica compromisso e que põe em perigo a singularidade da Igreja. Mas a prática pode mudar sem destruir o princípio. Nossa singularidade adventista deve estar fundamentada em princípios que não mudam; e não sobre aplicações que podem mudar com a cultura, o tempo e a situação.

Se formos honestos com nós mesmos, devemos reconhecer, temos feito o mesmo com Ellen White, investigando seus escritos em busca de aplicações em lugar de princípios. Somos

tentados a generalizar conselhos que ela deu para situações específicas, aplicando-os indiscriminadamente. Isso não é ser justo com ela.

Se nossa preocupação é saber quais os princípios por trás da evangelização, Paulo nos ajuda a conhecê-los em I Cor. 9:2:

- Devemos encontrar um ponto em comum com os que pretendemos evangelizar.

- Devemos evitar a atitude de “sabe tudo”.

- Devemos fazer com que a pessoa se sinta aceita.

- Devemos ser sensíveis às necessidades e preocupações da pessoa.

- Devemos estar atentos às oportunidades para falar de Cristo.

Se nossa preocupação é a benevolência sistemática, o mesmo apóstolo nos convida a considerar II Cor. 8:10 em diante. Ali somos desafiados a agir conforme o que foi planejado. Quatro princípios orientam o ato de dar:

- Disposição para dar de todo o coração é mais importante que a quantidade.

- Esforço para cumprir as responsabilidades financeiras.

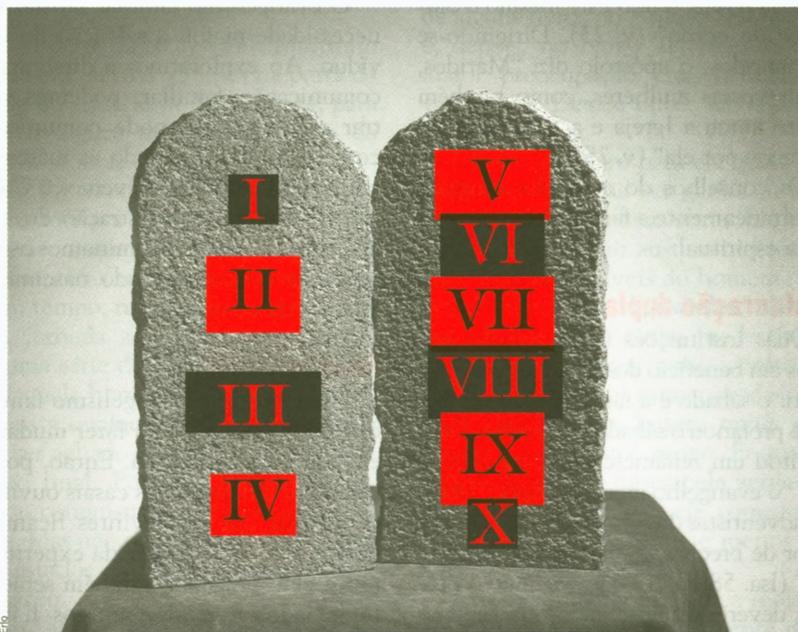
- Dar aos necessitados poderia ser uma ação com um retorno da mesma natureza e sob as mesmas condições.

- Dar como resposta a Cristo. A maneira como damos reflete nossa devoção a Ele.

É importante dialogar com outros colegas sobre como melhor preparar o povo de Deus para a segunda vinda de Cristo, usando princípios bíblicos. I Reis mostra que Roboão pediu conselho, mas depois de recebê-lo não avaliou cuidadosamente. Se tivesse feito isso, veria que o conselho dos anciãos era mais sábio que o de seus amigos.

Para avaliar qualquer conselho, pergunte se é realista, realizável e consistente com os princípios bíblicos. Deus nos chama a trabalhar por princípios sólidos. Como resultado, o Espírito Santo impressionará muitos a aceitarem os princípios divinos. ✓

*Nossa  
conduta deve  
estar baseada  
em princípios  
imutáveis;  
e não sobre  
aplicações  
passageiras.*



# Evangelismo

## FAMILIAR



**G. O. MARTINBOROUGH**

*Evangelista da Divisão Interamericana*

**U**ma nova abordagem evangelística combina a apresentação de assuntos sobre vida familiar com doutrinas bíblicas, num foco cristocêntrico. É o evangelismo familiar. Há pelo menos seis razões pelas quais essa idéia é benéfica para a igreja.

### Metodologia divina

O evangelismo familiar comunica a verdade, empregando a família literal como símbolo da espiritual. Consideremos Abraão dispendo-se a sacrificar Isaque no Monte Moriá. Quando ele ergueu o cuto para matar seu filho, foi ouvida uma voz, do Céu, impedindo a consumação do ato. E um cordeiro foi providenciado. Então, “mesmo os anjos compreenderam mais claramente a maravilhosa providência que Deus tomara para a salvação do homem.” – *Patriarcas e Profetas*, pág. 155.

Deus usou o relacionamento pai-filho para ensinar o evangelho. E também usa o relacionamento conjugal. Através dos profetas Isaías (54:5-8), Jeremias (6:3) e Ezequiel (16:23), Ele repetidamente compara-Se a um amoroso esposo conquistando o amor de Israel,

Sua “esposa”. A história de Rute emprega o mesmo conceito, e o livro de Oséias é uma poderosa parábola da família.

### Estratégia do Novo Testamento

Uma das melhores estratégias de ensino de Jesus foi o uso de parábolas: “...sem parábolas nada lhes dizia” (Mat. 13:34). Algumas de Suas histórias eram centralizadas na família.

Paulo também fez uso dessa metodologia. Em Efésios 5, por exemplo, ele dá conselhos às esposas: “As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher...” (vs. 22 e 23). Depois ele faz a aplicação espiritual, declarando: “...como também Cristo é o cabeça da Igreja, sendo Este mesmo o Salvador do corpo” (v. 23). Dirigindo-se aos maridos, o apóstolo diz: “Maridos, amais vossas mulheres, como também Cristo amou a Igreja e a Si mesmo Se entregou por ela” (v. 25).

Os conselhos do apóstolo atingiam simultaneamente a família literal e a família espiritual.

### Restauração dupla

Duas instituições foram criadas por Deus em benefício dos seres humanos no Éden: o sábado e a família. Como o pecado profanou o sábado e a família, Deus suscitou um remanescente para proclamar “o evangelho eterno” (Apoc. 14:6). Os adventistas do sétimo dia são o “reparador de brechas, e restaurador de veredas” (Isa. 58:12). O que, segundo o profeta, deveria ser restaurado? Não apenas o sábado, mas também a família edênica.

### Caráter de Deus

O evangelismo familiar apresenta as

grandes verdades da Palavra de Deus de uma forma atrativa. Ocasionalmente, ouvimos apresentações doutrinárias que são repulsivas. Mas o casamento das doutrinas bíblicas, mesmo as difíceis, com os princípios da vida em família, resulta numa mensagem não somente atrativa mas também irresistível.

Desde o início, o coração do grande conflito é a questão sobre o caráter de Deus. Algumas apresentações evangelísticas suscitam oposição. Por isso, qualquer abordagem deve sempre mostrar que “Deus é amor”.

### Satisfação de necessidades

A Igreja cresce, mas ainda não conseguiu alcançar determinados grupos. Muitos deles consistem de pessoas materialistas que não são atraídas por uma apresentação puramente doutrinária do evangelho. Elas estão procurando algo mais, ou seja, evangelho e satisfação de alguma necessidade específica.

“Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’.” – *A Ciência do Bom Viver*, pág. 143.

O evangelismo familiar satisfaz uma necessidade maior: a salvação do indivíduo. Ao explorarmos a dinâmica da comunicação familiar, podemos mostrar como alguém pode comunicar-se com Deus. Identificando as marcas do verdadeiro amor, descrevemos o Calvário, a suprema demonstração do amor de Deus. Enquanto examinamos os mistérios da concepção e do nascimento, falamos da conversão.

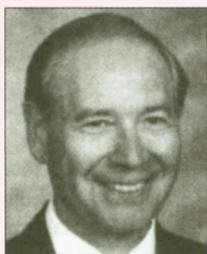
### Reavivamento

Finalmente, o evangelismo familiar desafia o evangelista a fazer mudanças em sua própria família. Então, poderá trabalhar em favor dos casais ouvintes. À medida que os ouvintes ficam expostos a conceitos de vida experimentados pelo pregador, também serão influenciados a mudar antigos hábitos prejudiciais.

Enquanto evangelizamos o mundo reavivamos a igreja. Aliás, essa é justamente a nossa missão. ✓

# LUTERO

## e o evangelho



Divulgação

**HANS K. LaRONDELLE**

*Professor emérito do Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos*

**E**m 31 de outubro de 1517, Martinho Lutero afixou suas 95 teses na porta da capela do Castelo de Wittenberg, para desafiar alguns dos ensinamentos da Igreja Católica. Com isso, nascia a Reforma Protestante; ou mais precisamente, tornava-se visível. A verdade é, entretanto, que suas dores de parto já eram sentidas em relativo silêncio, por algum tempo, na alma de Lutero.

A jornada ao castelo foi marcada por uma série de lutas espirituais dentro daquele homem. Ele queria agradar a Deus a qualquer custo e trabalhava para ser achado digno no dia do julgamento final. Por atos de penitência, tentou conquistar a reconciliação com Deus, Mas não tinha paz de alma. Nem seus estudos da Bíblia faziam-no ficar tranquilo.

Em 1507, Lutero foi ordenado sacerdote da Igreja Católica Romana. Nove anos depois, tornou-se doutor em teologia e professor em Wittenberg. Tomou então o solene voto: “Juro defen-

*Ele se tornou um precursor do reavivamento e da reforma que terão lugar com a pregação da mensagem de Apocalipse 14*

der a verdade do evangelho com todas as minhas forças.” E guardou esse voto até o fim da sua vida.

Foi através da Bíblia que Lutero buscou e recebeu luz e percepção, embora a luz somente viesse gradualmente, ao longo dos anos, em uma série de descobertas. Convidado a ensinar teologia, Lutero começou um estudo exegético de alguns livros no Antigo Testamento e, depois, no Novo Testamento. Sua maior preocupação era encontrar a vontade de Deus e nutrir seu rebanho em Wittenberg.

Logo ficou claro para ele que a salvação não poderia ser ganha através de penitências ou boas obras. Ele via a Deus como um juiz austero que requeria coisas impossíveis do homem. Dos ensinamentos de Agostinho, ele entendeu que Deus tinha predestinado apenas uns poucos para a salvação eterna. O restante estava predestinado à condenação. Lutero temia pertencer a esse último grupo. Enquanto progredia em sua busca pela verdadeira sabedoria de Deus, ele começou a olhar mais as Escrituras e menos aos pais da Igreja.

Lutero compreendeu que a teologia de sua Igreja tinha efetivamente rompido o princípio de *Sola Scriptura*, à medida que ela aceitava a própria Igreja e o papa como os principais intérpretes da Bíblia. Raciocinou que se

qualquer autoridade extra-bíblica tem a palavra final sobre a Palavra de Deus, a Bíblia já não pode ser vista como sua própria intérprete. Lutero também percebeu que o espírito da Igreja apostólica e a simplicidade do evangelho foram distorcidos por anos de ensino tradicional. O evangelho perdera-se em um crescentemente complicado sistema de méritos, boas obras, sacramentos e penitências, de tal modo que durante a Idade Média, a Igreja aprendeu que à parte disso não poderia haver salvação.

Lutero também entendeu que o próprio sacerdócio não poderia conferir a graça sacramental da salvação, se a hierarquia eclesiástica tinha adquirido o monopólio da graça divina. A certeza pessoal da salvação tinha sido perdida.

### **Crise de consciência**

A luta de Lutero era pela segurança pessoal da salvação, enquanto resistia às reivindicações autoritárias dos seus superiores eclesiásticos. Descobriu uma diferença fundamental entre a necessidade de liberdade cristã de consciência e o comportamento ditatorial da hierarquia da Igreja.

Quando Lutero começou a estudar o livro de Salmos, em preparação para suas palestras, seu interesse primário não foi teórico mas prático. Ele busca-

va uma teologia experimental, uma compreensão salvífica de Deus. Sua atitude foi a de buscar mais a verdade de Deus do que defender tradições.

Um de seus principais obstáculos foi a dificuldade para compreender o significado da expressão bíblica “justiça de Deus”. Sua Bíblia em latim continha a frase *justitia Dei*. O termo *justitia* era comumente usado para justiça retributiva ou punição, tal como os eruditos ensinavam. Em outras palavras, compreendendo a palavra dessa maneira, ele terminou vendo a Deus como um juiz severo.

Devido a essa compreensão de “justiça de Deus”, como justiça punitiva, Lutero não podia explicar como Davi poderia ter orado: “livra-me por Tua justiça” (Sal. 31:1), ou “Atende, Senhor, a minha oração... Responde-me... segundo a Tua justiça” (Sal. 143:1). A palavra “justiça” trovejava nos ouvidos de Lutero apenas como ira de Deus e punição eterna. Assim ele lutava com a ira de Deus e ela queimava como um fogo consumidor em sua consciência. Finalmente, ele se voltou para o Novo Testamento, em busca de conforto. E foi capturado pela mensagem de Paulo: “Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de

Deus para a salvação todo aquele que crê...” (Rom. 1:16). Salvação! Lutero ficou animado. Seria isso a essência, o segredo pelo qual ele tinha procurado durante tanto tempo? Continuou lendo: “Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho...” (v. 17)

Lutero não podia compreender. Estava o apóstolo lhe dizendo que o evangelho é a revelação da justiça de Deus? Como poderia Paulo chamar o evangelho de “justiça”? Era essa uma outra manifestação da lei? Em caso afirmativo, então o evangelho também condenava o pecador. Não era a “justiça” o tratamento que Deus dispensa a cada pessoa segundo o seu merecimento? Lutero gemeu: “Quem pode amar um Deus irado e condenador?” Tal como Jacó, ele lu-

tou com Deus. Estudou e tentou compreender a expressão “justiça de Deus”, mas ninguém lhe abria as portas.

### A descoberta

A Bíblia permanecia aberta enquanto ele preparava suas palestras. A grande questão em sua mente era: “Como Paulo poderia chamar o evangelho de ‘justiça de Deus?’”

Lutero releu o texto, dessa vez em seu contexto. E encontrou: “Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas” (Rom. 3:21). Subitamente sua visão clareou. Pela graça de Deus ele compreendeu o que Paulo queria dizer: a justiça não era algo que Deus requeria dos homens como oferta a Ele, mas algo que Deus ofertava aos seres humanos que criam no evangelho. Era uma maravilhosa expressão da graça divina. Deus oferece a justiça pessoal de Cristo, como Seu precioso dom ao crente, agora! Essa é a salvação do evangelho. Deus justifica o ser humano arrependido através da justiça de Cristo. Isso significa que o evangelho não requer de nós obras ou perfeição absoluta, mas oferece-nos o gracioso dom das obras e perfeita justiça de Jesus. Pela graça de Deus, Ele nos justifica e declara-nos justos.

Quando Lutero compreendeu essa verdade, sua consciência libertou-se do peso da culpa e ele se tornou um homem livre. Agora o livro dos Salmos tinha um novo sabor. Posteriormente, Lutero descobriu sua descoberta da seguinte maneira: “Pareceu-me como se eu tivesse nascido de novo e entrado no paraíso. Imediatamente a Bíblia começou a falar de um modo muito diferente para mim. A frase ‘justiça’ de Deus, a qual eu rejeitava antes, tornou-se uma das expressões mais amadas. É assim que essa passagem de Paulo tornou-se para mim a porta do paraíso. Toda a Escritura mostrou-me uma nova face.”<sup>1</sup>

Para Lutero, a promessa de Deus no sentido de que “o justo viverá por fé” proveu a salvação que ele buscava. Paulo estava citando a promessa de Habacuque 2:4, mas deu-lhe uma nova ênfase sobre como alguém se torna justo ou justificado, quando explicou: “Terá vida quem for justificado pela fé” ou “Aquele que é justo viverá pela fé”, como dizem outras versões.

A novidade a respeito da descoberta

de Lutero foi que ele identificou a justiça de Deus e a justiça de Cristo como uma só justiça, e entendeu que esse dom divino é recebido pela fé, agora! Esse último ponto é o ensino de Cristo, quando Ele declarou, na parábola do publicado e do fariseu: “digo-vos que este [o publicano] desceu justificado para casa [neste dia], e não aquele [o fariseu]...” (Luc. 18:14). Essa é a maneira como todo indivíduo sobreviverá ao teste do julgamento final.

Lutero explica: “O que crê no homem chamado Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, tem a vida eterna – como Ele mesmo disse (João 3:16): ‘Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.’”<sup>2</sup>

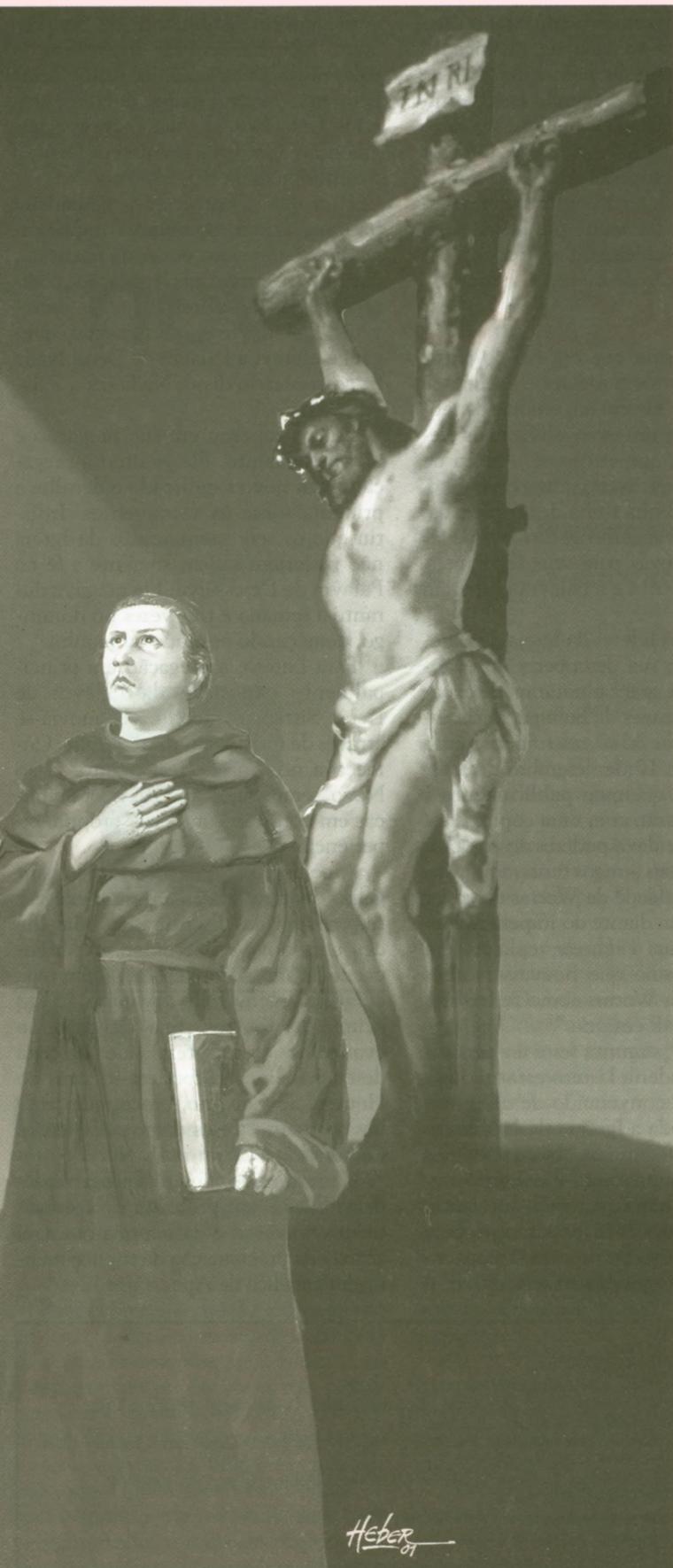
Dizem alguns eruditos que Lutero foi o primeiro, depois de Paulo, a recuperar a pureza original do evangelho do Novo Testamento. O que fez de Lutero um reformador da Igreja cristã foi o fato de que sua mensagem evangélica estava ancorada em uma exegese bíblica idônea. Somente assim ela teria valor para toda a Igreja. As “portas do paraíso” foram abertas a Lutero porque “as chaves do reino” foram manejadas por ele, tão logo captou a passagem central da carta aos romanos: “o justo viverá por fé.”

Nós somos salvos agora e no julgamento por nossa fé em Cristo e em Seu livre dom da justiça. Foi essa verdade que motivou Lutero a escrever seu famoso livro, em 1520, *The Freedom of the Christian (A Liberdade do Cristão)*, dedicado ao papa Leão X.

Agora toda ansiedade experimental na tentativa de se tornar aceitável a Deus terminou. Mais tarde, Ellen White repetiria tal segurança em uma impressiva declaração: “Podemos fruir o favor de Deus. Não devemos estar ansiosos acerca do que Cristo e Deus pensam de nós, mas do que Deus pensa de Cristo, nosso Substituto. Vós sois aceitos no Amado.”<sup>3</sup>

### “Sola gratia, sola fide”

Lutero clareou suas percepções enquanto estudou mais cuidadosamente as cartas de Paulo aos romanos e aos gálatas. Essas duas epístolas tornaram-se as duas espadas afiadas da Reforma Protestante em sua batalha contra a proposta de um sistema de justificação pelas obras. Lutero usou as passagens



de Paulo (Rom. 3:22-26; Gál. 2:21; 3:10; 5:4) dirigidas contra o sistema de méritos do judaísmo farisaico em sua luta contra a teologia baseada na busca de méritos e piedade da Igreja medieval.

Em Rom 3:24 Paulo salientou a natureza da graça de Deus duas vezes, quando disse “gratuitamente, por Sua graça...” Isso tornou-se a divisa da Reforma Protestante – *Sola Gratia!* Mas a graça de Deus já não era interpretada como o fluido metafísico de graça sacramental. Era novamente compreendida em seu antigo sentido apostólico de favor imerecido de Deus. Rejeitando o despersonalizado conceito defendido pelos teólogos escolásticos, Lutero alegremente proclamou a aceitação pessoal do crente por parte de Deus.

Em Rom. 3:28, Paulo resumiu a justificação em sua declaração histórica: “Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei.” Lutero traduziu a ênfase paulina sobre justificação pela fé “sem obras da lei”, no idioma alemão, adicionando a palavra “somente”: *allein durch den Glauben* (somente pela fé). Essa é uma tradução correta da afirmação de Paulo contra a justificação pelas obras. A fórmula resumida de Lutero para justificação tornou-se parte da bandeira de toda a Reforma Protestante: *Sola Fide*.

Dessa forma, a Reforma resumiu a fé protestante em três frases curtas que soaram contra o ensinamento da Igreja naqueles dias: *Sola Scriptura*, *Sola Gratia*, *Sola Fide*.

Lutero avançou substancialmente em sua compreensão a respeito da justificação. Com a ajuda de Agostinho, ele descobriu que a justiça de Deus é um dom gratuito divino. Mas ainda pensava no dom apenas em termos de Cristo habitando e de uma crescente justiça no crente. Isso significava que o crente era parcialmente justo e parcialmente pecador. Nesse ponto, para Lutero, a justificação parecia ser justiça interior.

### **Clarificação posterior**

Mais tarde, em seu comentário sobre gálatas (1535), Lutero demonstrou ter alcançado a maturidade no conceito de justificação: ela é a imputação legal ou forense da justiça de Cristo ao crente arrependido. Agora ele ensinava a justificação completa de pecadores, com o perdão de seus pecados. Sua ênfase era sobre Cristo para nós, que morreu por nossos pecados, e não mais sobre a graça como algo introduzido no crente. A justiça de Cristo agora torna-se a essência da justificação e a base para a certeza pessoal da salvação, devido a que não é uma justiça parcial, mas completa. Somos salvos por uma justiça fora de nós, não por nossa própria justiça!

Em 1528, Lutero disse, em um dos seus sermões, que “assim como Adão nos trouxe condenação por

*A fé salva,  
não por atos  
meritórios de  
alguém, mas  
porque  
apreende e  
abraça a  
Cristo.*

◀  
—  
○  
○  
L  
○  
—  
R  
E  
T  
○  
S

seu pecado, Cristo nos salvou por Sua justiça... Nosso testemunho e confissão é: não através de nós mesmos, mas através de Cristo, seremos salvos. Podemos distinguir os dois envolvidos: nós e Cristo. Nós não descemos do Céu, não nascemos de Maria, mas fomos feitos de barro. O feito de Cristo é diferente dos nossos".<sup>4</sup>

Lutero também retornou ao significado apostólico de fé. Em lugar da noção popular de que fé era um assentimento intelectual que deveria ser suplementado pelas obras, ou por algum tipo de comportamento humano, Lutero proclamou que fé significa o ato de uma pessoa comprometida com Deus e Sua Palavra. A fé salva, não por causa dos atos meritórios de alguém, mas porque ela apreende e abraça a Cristo. Ele é nosso Salvador, perdoador e justificador. Deus aceita os crentes e os considera justos somente por causa de Cristo e Seus méritos. O crente é justificado em Cristo. Tal fé opera desde o início.

Há uma frase conhecida por Lutero que é freqüentemente incompreendida: "o crente em Cristo é ao mesmo tempo justo e pecador." Isto é, em Cristo, o crente é completamente justificado, embora ele permaneça em si mesmo, ou seja, em sua natureza interior, completamente pecador. Portanto, ele podia dizer com Pau-

lo: "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por Sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus" (Rom. 3:23 e 24). A fé salvadora deve prevenir o crente contra sentimentos de santidade em si mesmo.

Entretanto, Lutero não sugeriu que uma vida santificada é irrelevante ou desnecessária. Ele compreendeu que a justificação é efetiva em produzir santificação, mas insistiu que as boas obras do Espírito não são em si mesmas parte componente da justificação. É a justificação que cria o novo homem, não o novo homem que cria a justificação.

É aí que devemos confrontar a doutrina católica romana de justificação tal como definida pelo Concílio de Trento, em 1546. Segundo essa definição, a justificação de uma pessoa deve ser complementada por seus esforços em cooperação com Deus. Portanto, ninguém pode ter a confortadora segurança de que foi aceito por Deus. Aqui está o ponto crucial do assunto, objeto da preocupação de Lutero.

## Cristo e a Bíblia

Lutero sentiu que era básico partilhar com outros a alegria e segurança da redenção. Ele era um erudito de teologia para ser um evangelista mais efetivo; alguém que ensinasse a graça de Deus e conduzisse o povo a Cristo. Creu que a Bíblia tinha de ser pregada, para que o evangelho se tornasse de fato as boas-novas para seus seguidores. A palavra escrita e a palavra oral eram necessárias.

Quando os líderes da Igreja de Lutero rejeitaram sua descoberta do evangelho da livre graça e trataram de excomungá-lo, através da bula papal *Exsurge Domine* de 1520, ele ficou muito chocado. Em 10 de dezembro do mesmo ano, ele queimou publicamente a bula juntamente com uma cópia da lei canônica que dava poderes ao papa.

Quando seus amigos tentaram impedi-lo de ir à cidade de Worms defender sua mensagem diante do imperador, temendo por sua vida, ele replicou sem hesitar: "Mesmo que houvesse tantos demônios em Worms como telhas nos telhados, eu ali entraria."<sup>5</sup>

A grande pergunta feita é a seguinte: Como poderia Lutero estar tão absolutamente convencido de que estava certo e toda a Igreja errada? Ele escreveu a um amigo: "Não podemos atingir a compreensão das Escrituras, quer pelo estudo quer pelo intelecto. Teu primeiro dever é começar pela oração. Roga ao Senhor que te conceda, por Sua grande misericórdia, o

verdadeiro entendimento de Sua Palavra. Não há nenhum intérprete da palavra de Deus senão o Autor dessa Palavra... Nada esperes de teus próprios trabalhos, de tua própria compreensão: Confia somente em Deus, e na influência de Seu Espírito."<sup>6</sup>

Para que acontecesse a verdadeira reforma, Lutero acreditava implicitamente no vitorioso poder da Escritura, em vez de confiar na legislação, coerção, ou pressão eclesiástica. Ele escreveu: "Eu simplesmente ensinei, preguei e escrevi a Palavra de Deus. Nada fiz ao contrário disso. Nada fiz; a Palavra fez tudo."<sup>7</sup>

Lutero superou em sua pregação e no ensinamento. Ele exaltou a pregação a um novo significado e deu-lhe a primazia sobre os sacramentos. Insistiu que os sete sacramentos da Igreja não poderiam salvar; somente a fé na Palavra de Deus salva. Ele pregava durante a semana e três vezes no domingo, começando às cinco da manhã.

Para Lutero, a pregação era principalmente exposição da Palavra de Deus. Sistemáticamente ele movia-se através de todos os livros da Bíblia. Começava no Antigo Testamento, ia ao Novo, sempre aplicando as lições bíblicas em conexão com a sua própria experiência.

A compreensão de Lutero do evangelho ocorreu através de uma exegese responsável das Escrituras, a qual lhe deu uma nova e libertadora experiência como um cristão crente. Com uma coragem imensa, ele levantou Cristo acima dos outros. Sua devoção ao evangelho eterno tem sido descrita desta maneira: "Escondida-se atrás do Homem do Calvário, procurando apenas apresentar Jesus como o Redentor do pecado."<sup>8</sup>

Nesse sentido, Lutero foi um verdadeiro Elias e um precursor do reavivamento universal e da reforma que virá através da proclamação da tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14. ✓

### Referências:

1. *Luther's Works*, Concordia Publishing House, vol. 54, pág. 105.
2. Citado em H. A. Oberman, *Luther, Man Between God and the Devil*, Doubleday, ET 1992, pág. 153.
3. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, págs. 32 e 33.
4. Citado em B. Hagglund, *The Background of Luther's Doctrine of Justification in Late Medieval Theology*, Facet Books 18, Fortress Press, 1971, págs. 33.
5. Citado em E. G. Schwiebert, *Luther and His Times*, Concordia Publishing House, 1950, pág. 499.
6. Ellen White, *O Grande Conflito*, pág. 132.
7. Citado em L. Pinomaa, *Faith Victorious*, Fortress Press, 1959, pág. 102.
8. Ellen White, *O Grande Conflito*, pág. 152.

# DIVÓRCIO e novo CASAMENTO

*Elaborar uma série de desculpas para separar o que Deus uniu é trivializar a sagrada natureza da união conjugal*



**KEITH AUGUSTUS BURTON**

*Professor associado de Novo Testamento no  
Oakwood College, Estados Unidos*

**Q**ual é o ensinamento bíblico sobre divórcio e novo casamento? Dois exemplos, Mateus 19:1-12 e I Coríntios 7:10-15, nos dão uma direção clara sobre o assunto.

## **Mateus 19:1-12**

Para captar o cerne do ensinamento de Jesus, é necessário seguir a fluência do diálogo nessa passagem. Muitos que a estudam pulam do verso três para o verso nove, esquecendo-se de que existe uma progressão lógica na discussão.

Jesus deixou a Galiléia no final de Sua jornada para Jerusalém. Alguns fariseus aproximaram-se dEle com uma pergunta sobre o tema do divórcio. A questão básica era a seguinte: “É lícito

ao marido repudiar sua mulher por qualquer motivo?” (19:3). Aparentemente os fariseus estavam inquirindo sobre razões legítimas para se requerer o divórcio. Entretanto, olhando cuidadosamente o texto, verificamos que a preocupação deles não era se havia uma razão para o divórcio, mas se alguém podia divorciar por “qualquer motivo” (*paisan aitian*).

Para compreender a questão, devemos considerar o contexto social da inquirição. Os fariseus estavam tentando engajar Cristo em um debate rabínico sobre as razões e os métodos do divórcio. Grande parte da discussão é relatada no *Mishnah Gittin*, e termina com a seguinte declaração:

“A escola de Shammai diz que um homem deveria separar-se da esposa somente por razões de impureza, considerando que Deut. 24:1 menciona: ‘por ter ele achado coisa indecente nela...’. A escola de Hillel decreta: ‘mesmo se ela danificou seu prato’, com base na expressão ‘coisa indecente’.

“E. R. Aqiba apresenta como razão para o divórcio, ‘se ele achou alguém mais linda do que ela, atribuído na afirmação ‘se ela não for agradável aos seus olhos’ (Deut. 24:1).”<sup>1</sup>

Tudo indica que os fariseus estavam tentando alinhar Jesus ou com a posição conservadora de Shammai, ou com a postura mais liberal de Hillel, preser-

vada na tradição posterior por Rabbi Aqiba.

## **Primeira resposta**

Embora Jesus certamente estivesse ciente do debate rabínico, Ele respondeu apelando para as Escrituras: “Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem” (19:4-6). Aqui Jesus constrói um argumento lógico que O coloca no controle da discussão, levando o assunto de volta às Escrituras.

Fazendo isso, o Mestre defende o ideal divino. Primeiro, refere-se à criação do homem em Gênesis 1:27 e afirma o casamento como uma iniciativa divina. Então, aponta para Gênesis 2:24 como evidência de que não somente Deus uniu o primeiro casal, mas envolveu-Se ativamente em solidificar a união matrimonial. De algum modo misterioso, o casal tornou-se “uma só carne”. Jesus usa a metáfora “jugo” para descrever a união marital.

Com isso em mente, se nós reduzirmos a resposta de Cristo à pergunta dos fariseus a uma palavra, poderemos dizer “não!” Uma pessoa não pode conseguir um divórcio por qualquer razão estipu-

lada na tradição rabínica. Para Jesus, a Escritura é clara no sentido de que o casamento é uma instituição permanente, na qual Deus une duas pessoas. Elaborar uma lista de válvulas de escape para desunir o que Deus uniu é trivializar a natureza sagrada e mística da união.

Não satisfeitos com a resposta de Cristo, os fariseus O provocaram novamente: “Por que mandou, então, Moisés dar carta de divórcio e repudiar?” (19:7) Seguindo o argumento de Jesus, eles agora querem confrontar Escritura com Escritura. A legislação mosaica é encontrada em Deuteronômio 24:1-4. Apelando a esse texto, os fariseus sugeriam que Cristo estava contra Moisés.

## Segunda resposta

Jesus manteve-Se em Sua posição, ao mesmo tempo que colocou a estipulação de Moisés em seu contexto social. E respondeu: “Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio” (v.8). Não se trata de uma acusação contra Moisés, mas contra a rebeldia do povo que recusava submeter-se ao ideal divino. Moisés não iniciou a lei do divórcio; ele simplesmente a permitiu (*epetrepse*).

É interessante notar que o propósito da legislação mosaica não foi estabelecer razões para o divórcio, mas discutir o assunto da impureza sexual. A existência da lei do divórcio é garantida em Deuteronômio. Não há explicação para sua origem; simplesmente existia. Apesar disso, era claro para Jesus que ela não fazia parte do plano original de Deus.

Dada a fluência da discussão até hoje, a tarefa interpretativa deveria ter sido muito fácil se Jesus tivesse parado onde chegou. Caso ele não continuasse falando, boa parte da controvérsia atual seria atenuada. Entretanto, Jesus termina o diálogo com uma rigorosa afirmação: “Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas [*porneia*], e casar com outra comete adultério” (v. 9). Alguns manuscritos ainda acrescentam: “E o que casar com a repudiada comete adultério.”

O que torna essa declaração em Mateus ainda mais assustadora é o fato de que a versão paralela em Marcos 10:1 e 2 não diz absolutamente nada sobre uma cláusula de exceção (*porneia* = adultério). A breve referência de Lucas



é absoluta (Luc.16:18). Mateus é o único que provê uma válvula de escape.

A interpretação de *porneia* tem desafiado os comentaristas durante séculos. A compreensão bíblica normal desse termo é “fornicação”, mas a conotação extraconjugal de fornicação tem levado a traduções tais como “infidelidade”, “impureza”, e até mesmo “adultério”. Digo até mesmo adultério porque muitos consideram esse o pecado imperdoável do casamento.<sup>2</sup> Entretanto, se Mateus se refere ao adultério, nessa passagem, deveria ter usado o termo correto que ele mesmo usa em 15:19. Na declaração de Jesus em Mat. 5:27, o adultério inclui não apenas o ato físico, mas também o ato mental precedente. Isso poderia significar que alguém pode ter uma razão para divorciar-se, mesmo se o cônjuge pensa em ter um caso amoroso! Assim, qual é o significado de *porneia*?

O termo está relacionado a uma prostituta fêmea (*porne*) e também ao homem que busca a prostituta ( *pornos*).<sup>3</sup> No entanto, não é usado apenas para descrever essa ignóbil profissão, mas também se refere a outras formas de desvios sexuais, particularmente sexo extramarital. A idéia é que as pessoas que praticam essa forma de relacionamento sexual estão agindo como prostitutas. É possível que Jesus tivesse isso

em mente? Poderia Jesus ter estabelecido que a única razão para o divórcio é o sexo extraconjugal?

Isso merece uma explicação. O casamento judeu no primeiro século começava no tempo do que nós hoje poderíamos chamar de noivado. Entretanto, o casamento não era consumado até doze meses depois do compromisso de noivado.<sup>4</sup> Se uma mulher fosse encontrada grávida durante esse período, três perguntas lhe poderiam ser feitas: 1) Foi o impaciente noivo? 2) Foi um outro homem, depois do noivado? 3) Foi um outro homem, antes do noivado?

Se fosse o noivo, o casamento se concretizava imediatamente. Caso fosse um outro homem depois do noivado, este seria considerado culpado e, conseqüentemente, executado (Deut. 22:23 e 24). Se fosse um outro homem antes do noivado, a noiva seria culpada de fornicação e a lei bíblica ordenava que fosse executada (Deut. 22:13-21). Entretanto, para a terceira categoria, a lei rabínica não parecia tão severa como a lei bíblica. Embora o Mishnah defenda a execução para adultério, permite a um homem divorciar por razões de fornicação (*Mishnah Gittin*, 9:10). Estaria Jesus concordando com a escola de Shammai nesse ponto?

Essa visão é certamente digna de

cuidadosa reflexão. Mateus é o único evangelista que descreve do noivado de José e Maria. No capítulo 1:18, ele nos fala que enquanto os dois estavam noivos, Maria “achou-se grávida pelo Espírito Santo”. A reação inicial de José foi “deixá-la secretamente”. Não sabemos em que altura do relacionamento Maria foi escolhida para ser a mãe do Salvador, mas sabemos que quando isso foi descoberto, ela já estava grávida e José pensava na possibilidade do divórcio. E o processo teria se desenvolvido se José denunciasse à comunidade que Maria se envolvera em sexo extramarital. Nesse caso, ela seria culpada de *porneia*. Foi somente a intervenção do mensageiro celestial que impediu José de tomar uma decisão perfeitamente legal.

### A reação dos discípulos

Embora o caso de José e Maria ofereça um provável contexto para compreensão da cláusula de exceção de Mateus, o veredito ainda está distante do sentido exato de *porneia*. Qualquer que seja seu significado, ele certamente causou uma agitação entre os discípulos. Foi então que eles disseram ao Mestre: “Se essa é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar.” (v. 10). Essa reação extrema sugere que a afirmação de Jesus limitou seriamente qualquer razão para o divórcio. Os discípulos, com efeito, estavam dizendo que se um homem deve estar tão ligado com sua esposa, por toda a vida, é melhor permanecer solteiro.

O impacto da declaração de Cristo é ainda maior quando visto à luz do contexto imediato. Justamente antes do encontro com os fariseus, Mateus lembra o ensinamento de Jesus sobre o perdão (18:15-34). Poderia ser mera coincidência que o assunto do casamento venha em seguida à abordagem sobre o perdão? Não penso assim. A clara mensagem é que nenhuma ação perpetrada por um cônjuge, por mais dolorosa que seja, é imperdoável; nem mesmo o adultério.<sup>5</sup> Assim a integridade do casamento pode permanecer intacta, mesmo quando o adultério é uma realidade.

Conhecendo a natureza hiperbólica da afirmação dos discípulos, Jesus replica: “Nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a quem é dado. Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que a si mes-

mos se fizeram eunucos, por causa do reino dos Céus. Quem é apto para o admitir, admita” (vs. 11 e 12).

Jesus reconhece a impulsividade dos discípulos e os leva de volta à realidade. Nem todas as pessoas estão desejosas de sacrificar os prazeres do casamento por uma vida celibatária. Ele também compreende que nem todas as pessoas estão habilitadas para aceitar a seriedade do ideal divino. Apesar de tudo, mesmo com os desafios de um compromisso vitalício, Deus quer que Seu povo leve a sério a união conjugal.

### I Coríntios 7:10-15

Qualquer pessoa que ainda não esteja convencida da natureza radical da declaração de Jesus pode recorrer à admoestação paralela de Paulo em I Cor. 7:10 e 11. Seguramente qualquer confusão relacionada com o ensinamento de Cristo deveria ter sido resolvida no tempo em que o apóstolo escreveu à igreja de Corinto.<sup>6</sup>

De acordo com o capítulo 7:1, Paulo está respondendo a inquisidores sobre relações sexuais e casamento entre cristãos. Seu ensino é claro: “Ora, aos casados, ordeno, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido (se, porém, ela vier a separar-se, que não se case ou que se reconcilie com seu marido); e que o marido não se aparte de sua mulher” (vs. 10 e 11). Paulo vai direto ao ponto: casais cristãos estão ligados pelo resto da vida natural. Maridos cristãos que tenham o poder para iniciar um divórcio são proibidos dessa ação.

Igualmente, esposas cristãs que queiram separar-se do relacionamento não estão livres para casar novamente, mas devem permanecer solteiras pelo resto da vida.<sup>7</sup> E justamente nesse caso, Paulo, que é acusado de inventar essa “dificuldade”, diz que a recebeu diretamente do Senhor.

A única exceção que o apóstolo faz é o casamento no qual um cônjuge con-

verteu-se ao cristianismo, e o outro não; “Aos mais digo eu, não o Senhor: Se algum irmão tem mulher incrédula, e esta consente em morar com ele, não abandone; e a mulher que tem marido incrédulo, e este consente em viver com ela, não deixe o marido... Mas, se o descrente quiser apartar-se, que se aparte; em tais casos, não fica sujeito à servidão, nem o irmão, nem a irmã; Deus vos tem chamado à paz” (vs. 13-15).

Aqui Paulo admite não ter recebido essa advertência do Senhor, mas sente que ela faz sentido. Se um cônjuge não professa o cristianismo, não pode ser forçado a partilhar os valores promovidos nos versos 10 e 11. Um mandamento divino nada significa para alguém que não reconhece a autoridade divina. Em tais casos, se um descrente escolhe separar-se, o cristão está desimpedido. Paulo parece dizer que os cristãos que se encontram nesse grupo estão livres para casar outra vez. Entretanto, os casamentos nos quais os parceiros são cristãos devem continuar unidos até a morte de um deles (I Cor. 7:39; Rom. 7:1).

### União vitalícia

O ensinamento bíblico é claro. Jesus proíbe o divórcio de casais cristãos. Em vez disso, promove uniões vitalícias para aqueles que se casam sob a bênção de Deus. Para os casais que sentem não poder viver sob o mesmo teto – por qualquer razão –, a Bíblia sugere que eles permaneçam solteiros até a reconciliação ou a morte do outro cônjuge.<sup>8</sup>

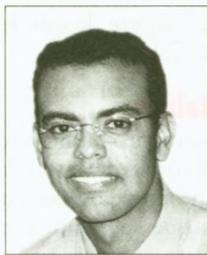
Assim, de acordo com essa linha de pensamento e interpretação, um cristão pode separar-se do relacionamento conjugal apenas em duas circunstâncias: 1) relacionamento sexual extraconjugal; e 2) se um dos cônjuges torna-se cristão e o outro não-cristão decide separar-se. Os demais estamos unidos pelos votos que fizemos diante das testemunhas divinas e humanas. Até que a morte nos separe. ✓

#### Referências:

1. Mishnah Gittin. 9:10.
2. Craig S. Keener, *And Marnes Another: Divorce and Remarriage in the Teaching of the Testament*, Peabody: Hendrickson, 1991.
3. Walter Bauer, *A Greek English Lexicon of the New Testament*, 2ª ed., Chicago, Imprensa da Universidade de Chicago, 1979, pág. 693.
4. Mishnah Kettubot. 5:2a.
5. C. Welton Gaddy, *Adultery and Grace: The Ultimate Scandal*, Grand Rapids: Eerdmans, 1996.
6. David G. Hunter, *Marriage in the Early Church*, Mineápolis: Fortress Press, 1992.
7. Ver também Rom. 7:39.
8. Calvin Rock, *Adventist Review*, 14/10/93, pág. 1.074.

# O mistério da ENCARNAÇÃO

*“Ao tomar a nossa natureza,  
o Salvador ligou-Se à humanidade  
por um laço que jamais se partirá.”*



**JOSÉ ORLANDO SILVA**

*Pastor distrital na Associação Bahia Sul,  
Brasil*

**A** encarnação não é um mero acontecimento adventício do qual Deus Se vale para impressionar e demonstrar poder. O Senhor não efetua nenhum milagre, não realiza nenhum acontecimento sobrenatural sem que tenha um propósito definido. No caso da encarnação, o propósito em vista é inteiramente soteriológico e redentivo.

Como disse Langston, “a encarnação é o grande princípio da revelação de Deus. Este método de encarnar a verdade não foi escolhido arbitrariamente, porém era o único método pelo qual Deus poderia revelar-Se ao homem em toda a Sua plenitude.”<sup>1</sup>

Poderíamos então dizer que a encarnação é a culminância de um plano an-

teriormente elaborado e a concretização de uma promessa. E seu grande mistério é Deus Se revestindo da humanidade com finalidade redentiva. É profundo esse mistério. E ele avoluma-se não somente pelo fato do Divino tornar-Se humano, mas também na maneira em que ele é expresso na vida de Jesus: “a idéia da encarnação, o grandioso mistério da piedade, não deve ser confinada ao mero nascimento de Cristo, mas deve ser estendida a toda a Sua vida divino-humana, à Sua morte e à Sua ressurreição.”<sup>2</sup>

Deus não tencionara revelar somente os Seus pensamentos, senão manifestar a Sua própria pessoa. E somente em Jesus tal objetivo seria alcançado.

A encarnação fere os moldes racionais. “Como se poderia obrigar alguém a aceitar que em Jesus de Nazaré, um Ser histórico, o homem como interrogação infinita e o mistério infinito de Deus se unam como resposta absoluta? Que aqui o mesmo é Deus e homem?”<sup>3</sup>

Absorto diante desse mistério, João procurou retratá-lo: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. E o Verbo Se fez carne e habitou entre nós” (João 1:1 e 14). E Paulo acrescenta que Ele esvaziou-Se tomando a forma de servo (Fil. 2:6 e 7).

É interessante notar que, no início do seu evangelho, João não se detém para fazer uma apresentação pessoal co-

mo escritor, nem para dar provas de que seus escritos merecem confiança, muito menos para mencionar o seu próprio nome. Esqueceu-se de tudo isso, extasiado diante do mistério. Com singela precipitação e sem esforço algum para comprovar suas pretensões, ou as do seu maravilhoso tratado, lança perante o mundo toda a torrente de luz que lhe vem sobre a doutrina da encarnação.

Suas palavras se revestem de beleza e profundidade ao declarar que “o Verbo Se fez carne e habitou entre nós”. Nessa altura somos levados a fazer algumas perguntas: Quem é o Verbo? Quem é a carne? Como se explica essa misteriosa união? Qual o propósito de Deus neste mistério?

## O Verbo e a carne

Esse Verbo é Deus em essência. É o logos divino; a Palavra viva. Nas palavras de João, Cristo Jesus, nosso Senhor, Filho de Deus, eterno e bendito pelos séculos, por quem foram feitas todas as coisas é Deus. Por isso Jesus expressou: “Quem Me vê a Mim vê o Pai” (João 14:9). Mas esvaziou-Se, velou a Sua glória ao assumir a forma humana e “habitou entre nós, cheio de graça e de verdade”.

A carne somos nós, seres humanos, manufatura frágil e transitória, feita do pó e destinada a voltar ao pó, limitada ao tempo e ao espaço.



# Conserve a COLHEITA

*Como os departamentos da Igreja podem contribuir para evitar apostasia*



**MARCO ANTONIO HUACO BENANCIO**

*Diretor de Mordomia Cristã na Missão Andina Central, Peru*

**G**raças à tarefa de proclamação da verdade, são muitas as pessoas que aceitam a mensagem do evangelho e a Jesus Cristo como Senhor e Salvador pessoal. São muitos os que, convencidos de suas debilidades, crêem no poder da Palavra de Deus para libertá-los da culpa, obter perdão, e alcançar a força espiritual para dizer não ao pecado e abandonar práticas contrárias à vontade do Senhor.

Três objetivos podem ser identificados quando a Igreja cumpre sua missão: administrar, evangelizar e conservar.

Administrar envolve diagnosticar, planejar, organizar, elaborar estratégias, objetivos e metas. São tarefas importantes que não podem ser esquecidas

quando nos envolvemos na missão. Evangelizar é apresentar a verdade do evangelho ao mundo, com propósito de conquistar pessoas para Deus. Não podemos postergar esse trabalho sem que nos tornemos infiéis à grande comissão de Jesus Cristo. Conservar, por sua vez, significa ajudar a imprimir nos novos crentes um estilo de vida cristão, que os torne semelhantes a Cristo. Essa é uma tarefa vital para a Igreja, a fim de demonstrar ao mundo que o evangelho é poder para a salvação de todo aquele que crê (Rom. 1:16).

A execução desse trabalho envolve alguns aspectos que abordaremos neste artigo.

## **Nutrição espiritual**

As igrejas com um alto índice de crescimento manifestam um igualmente elevado grau de conhecimento da Palavra de Deus, das doutrinas fundamentais e têm uma nutrição espiritual saudável.

A nutrição espiritual de uma congregação é responsabilidade prioritária de algumas pessoas escolhidas para alimentá-la: pastores, pregadores voluntários e professores da Escola Sabatina. Quando pensamos em conservação de membros, necessitamos enfatizar a devida importância dessa tarefa vital, ou seja, a alimentação espiritual. Nenhuma igreja que leve a sério a sua missão pode dar-se ao luxo de franquear o seu



púlpito a pessoas inexperientes, neófitas, ou que não sintam a elevada responsabilidade que significa nutrir o povo de Deus.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem feito provisões para suprir tal necessidade. Uma delas é o departamento de Escola Sabatina. Sobre os líderes e instrutores desse setor repousa a tarefa de conservação dos membros, mediante a boa nutrição espiritual através do estudo sistemático da Bíblia.

## **Visitação**

“Alguns dias depois, disse Paulo a Barnabé: voltemos, agora, para visitar



necessidades? Como estão se desenvolvendo? Que tipo de alimento espiritual lhes é mais apropriado? A menos que os visitemos, não conheceremos as suas lutas. Dessa forma, será mais difícil ajudá-los.

Aos diáconos e diaconisas da igreja é delegada uma parte dessa grande tarefa pastoral. Eles devem ir de casa em casa, levando alento, esperança e ânimo. Através desse trabalho, os membros entenderão que são parte de uma família que os aprecia e não se sentirão solitários. É uma tarefa tão importante que não deve ser adiada nem deixada a um segundo plano. Como Ellen White afirma, “muitas vezes a mente é impressionada com força dez vezes maior por apelos pessoais do que por qualquer outra espécie de trabalho” – *Evangelismo*, pág. 463.

### Formação

Escrevendo aos cristãos gálatas, Paulo a eles se referiu como “meus filhos, por quem, de novo, sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós” (Gál. 4:19).

O trabalho de formar Cristo na vida de cada crente é uma obra da vida inteira. É um processo que tem início com a conversão. É obra do Espírito Santo. Mas o homem não é um ente passivo nesse processo. Ele participa ativamente, implementando na própria vida os princípios de um estilo de vida cristão. Nessa etapa, Deus faz do crente um mordomo fiel de todo o ser, isto é, um fiel mordomo da vida física, mental, social e espiritual.

A Igreja tem designado esse trabalho ao departamento de Mordomia. A qualidade de vida dos membros reduzirá significativamente a apostasia e o nível de conservação será maior.

### Educação

Os membros de nossas igrejas são, em sua grande maioria, pessoas que foram educadas em uma filosofia secular, diferente da maneira pela qual a Bíblia vê o mundo. A cosmovisão bíblica é determinante quando se pretende implementar, na prática, os princípios cristãos de vida. De um modo geral, a deficiência nesse assunto compromete a tarefa de conservação. O problema se agrava ainda mais se levamos em conta a rapidez com que os meios de comunicação propagam as formas de pensamento e práticas contrárias à fé bíblica.

Nossos irmãos vivem no mundo, são parte do mundo, interagem com o mundo, embora não sejam do mundo. Cristo mesmo disse: “Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal. Eles não são do mundo como também Eu não sou” (João 17:15 e 16). Guardar do mal os nossos irmãos é também nosso desafio na obra de conservação. Necessitamos educá-los em uma filosofia cristã de vida. Necessitamos dar-lhes uma cosmovisão bíblica, para que possam fazer frente ao pensamento secular, quer sejam jovens, adultos ou crianças. Os departamentos de Educação e Jovens Adventistas prestam um relevante serviço nesse aspecto.

### Integração da mulher

Em muitas culturas extremistas do passado, a mulher foi relegada a um plano inferior, tornando-se vítima de marginalização, exploração e violência. Mas Cristo valorizou a mulher, e a Igreja tem seguido o Seu exemplo, reconhecendo nela a condição de filha de Deus criada à Sua imagem e semelhança. Porém, essa atitude também encontra opositores e, como resultado, muitas mulheres já deixaram a Igreja.

Felizmente, nos últimos anos, a mulher tem ocupado uma posição fundamental na missão da Igreja, graças, especialmente, ao surgimento do Ministério da Mulher. Na medida em que elas recebem capacitação, treino, orientação e apoio, integram-se ao cumprimento da missão e com isso a conservação se torna uma realidade.

Em suma, um dos objetivos principais da Igreja é a conservação dos seus conversos. Isso implica nutrir, fortalecer, formar, educar e integrar todos os membros. É uma tarefa vital para o crescimento eclesial. Como líderes, precisamos direcionar nossos esforços na concretização do ideal de conservar mais pessoas experimentando comunhão cada vez mais íntima com Jesus Cristo, o seu Salvador. ✓

*Conservar implica nutrir, fortalecer, educar e integrar os membros. É uma tarefa vital para o crescimento da igreja.*

os irmãos por todas as cidades, nas quais anunciamos a Palavra do Senhor, para ver como passam” (Atos 15:36).

A pregação do púlpito convida as pessoas a irem a Cristo. Mas o contato pessoal contribui grandemente para que sejam tomadas grandes decisões em favor da verdade. A visitação é o complemento da pregação. É a oportunidade para dialogar e ajudar a fortalecer a fé do irmão carente, ministrando-lhe às necessidades, transmitir-lhe segurança, senso de aceitação e integração na comunidade dos crentes.

O objetivo da visitação é “ver como passam” os irmãos. Quais são as suas

# O tempo da **ARRIBAÇÃO**

*“Deus deseja...que mantenhais vossas armaduras até que vos ordene deixá-las. Não levará muito tempo para a recompensa.”*



**MANOEL XAVIER DE LIMA**

*Evangelista da Associação Paulistana, Brasil*

**O** termo arribação aparece só uma vez na Bíblia (RAB): “Até a cegonha no céu conhece as suas estações; a rola, a andorinha e o grou observam o tempo da sua arribação; mas o Meu povo não conhece o juízo do Senhor” (Jer. 8:7).

Este artigo, no entanto, não pretende dissecar o farto contexto histórico, teológico, e até mesmo escatológico desse versículo. Embora uma de minhas leituras prediletas, em termos de conhecimento geral, seja arribação (migração) das aves e outros animais, quero apenas tomar como empréstimo a metáfora de Jeremias para uma aplicação secundária.

O ministro, após um longo período de faina dedicada, aproximando-se de seus 65 anos de idade, precisa conhecer e reconhecer o tempo de sua arribação do ministério ativo. Aqui, cabe também como empréstimo a proposta de Cristo a Seus ministros: “Venham. Vamos sozinhos a um lugar deserto [tranquilo] para repousar um pouco.” (Mar. 6:31, BLH).

## No limite

Faz pouco tempo, certa emissora de televisão do Brasil promoveu uma audaciosa gincana de sobrevivência na selva e nas praias desertas do Estado do Ceará. Foi uma empreitada difícilíssima para um grupo de homens e mulheres, que desafiou os limites máximos de sua capacidade física e psíquica. Tudo por um prêmio de 300 mil reais. Apenas uma pessoa foi a vencedora.

Em se tratando de gente jovem, desafiar os limites da vida é admissível e até louvável. Mas, a terceira idade exige marcha lenta. Até porque, durante mais de 30 anos no ministério, qualquer pastor já desafiou algumas vezes os próprios limites.



No livro escrito aos hebreus, capítulo 11, Deus apresenta a resenha de uma equipe especial. Os missionários de todos os tempos estão representados nessa amostragem olímpica de Deus. Eles não vão além dos limites esperando ganhar prêmios em dinheiro, medalhas de ouro, prata ou bronze, mas a coroa da vida eterna (I Cor. 9:24-26).

## Tipos de jubilados

No Brasil, o trabalho eclesialístico ou religioso, no qual estão incluídos os sacerdotes em geral, não é regido pela Consolidação das Leis Trabalhistas, CLT. Mas as denominações religiosas, numa atitude de proteção a seus missionários, procuram enquadrá-los nos termos da CLT, concedendo-lhes a jubilação.

Existem três tipos de jubilados: o primeiro é o jubilado precoce. É aquele que, motivado por incidentes de percurso na vida, acidente ou enfer-

midade, aposenta-se proporcionalmente ao seu tempo de serviço ou idade. Na Bíblia, há muitos exemplos de missionários que tiveram o seu ministério interrompido precocemente. Por causa da intolerância político-religiosa, milhões de homens e mulheres, ao longo da História, também foram obrigados a interromper o ministério antes do tempo.

A praxe de Deus a Moisés para o tempo do sacerdócio ativo dos levitas estabelecia um período para o exercício das funções sacerdotais, o qual ia dos 25 aos 50 anos de idade (Núm. 8:23-26). A partir daí, os levitas prestavam serviço voluntário no templo; gesto que deve ser imitado pelos jubilados de hoje.

O segundo tipo de jubilado é o que chamo de “jubilizado”. É aquele que, mesmo estando na época, por idade e tempo de serviço, não reconhece o tempo de sua arribação. Alguns que fazem parte desse grupo, angustiados, sentem-se injustiçados pela liderança, acham-se vítimas do sistema de sua instituição denominacional.

Com o espírito amargurado, isolam-se de amigos e colegas, ficando à mercê dos piores inimigos do idoso: a solidão e a depressão. É aí que alguns têm antecipado a própria morte. A terceira idade precisa ser previamente planejada, para que se torne uma bênção e não uma tragédia.

Finalmente, há o jubilado jubiloso, ou seja, aquele que se prepara, conhece e atende o tempo de sua arribação do ministério ativo. A expressão “jubilado jubiloso” é de autoria do sempre jovial octogenário Pastor Geraldo Marski, residente em Hortolândia, SP, Brasil. O Pastor Marski, com 87 anos de boa vivência, pai de três filhos pastores, continua sendo uma inspiração à juventude da Igreja e a jovens ministros. O seu senso de humor sadio e confiança no amor de Deus constituem uma constante lição de vida para qualquer pessoa.

Um jubilado jubiloso, segundo a ciência médica, tem mais chances de feliz longevidade.

### **Velhice graciosa**

Em 1904, Ellen White, dirigindo-se a dois pastores pioneiros do adventismo, idosos, disse-lhes: “Irmãos Butler e Haskell, eu me junto a vocês, envelhecamos cheios de graça.”

Ao chegar o tempo de sua jubilação,

um pastor enviou à administração do seu Campo uma carta (ver box) que é um bom modelo para solicitar a jubilação.

Como seres racionais privilegiados, não permitamos que o descuido, a vaidade ou um ideal incoerente nos impeçam de praticar a sábia lição das aves de arribação, no crepúsculo do nosso ministério. Um ministro jubilado, ainda com vigor físico e mental, com sua respeitável experiência, pode ainda realizar muito pela causa evangélica de maneira voluntária, sem o peso da institucionalização.

Convém refletir no seguinte conselho de Ellen White: “Que o Senhor abençoe e sustenha nossos obreiros idosos e experimentados, que os ajude a serem sábios no que diz respeito à

conservação das suas forças físicas, mentais e espirituais. Fui instruída pelo Senhor a dizer o seguinte, para os que testemunharam nos primeiros tempos da mensagem: Deus vos dotou com o poder da razão e deseja que compreendais e obedeçais às leis que dizem respeito à saúde da pessoa. Não sejais imprudentes. Não vos sobrecarregueis. Tomai tempo para o descanso. Deus deseja que permaneçais em vosso quinhão e lugar, fazendo vossa parte para salvar homens e mulheres de serem levados pelas poderosas correntes do mal. Ele deseja que mantenhas vossas armaduras até que vos ordene deixá-las. Não levará muito tempo para a recompensa.” – *Testimonies for the Church*, vol. 7, págs. 288 e 289. ✓

### *À Comissão Diretiva do Campo Amigo pastor geral*

#### *Abraço*

*Embora não tenha notificado antes a colegas e líderes, há uns três anos marquei o tempo de minha jubilação. No dia 23 de setembro deste ano completarei 65 anos de idade.*

*A despeito de, graças a Deus, ainda me sentir robusto, acho ser este um bom tempo para “... vir à parte e repousar...” do ministério ativo. Assim sendo, por seu intermédio e por meio desta carta, eu peço votar o processo de minha aposentadoria a partir de janeiro próximo.*

*Retiro-me como um jubilado jubiloso.*

*Esta Igreja e sua liderança administrativa, em diferentes níveis, sempre me trataram acima de meu merecimento.*

*Peço transmitir às Organizações Superiores a minha gratidão e de minha esposa, por nos terem propiciado o privilégio de exercer o nosso modesto ministério. Olhando para a minha origem humilde, contribuir com esta magnífica Obra como ministro do evangelho, foi-me um privilégio reservado a poucos mortais.*

*Aproveito para partilhar este meu troféu da vida com a minha família, a esposa e as filhas que incondicionalmente me apoiaram.*

*Muito obrigado.*

# Como **PRENDER** a atenção

*“O melhor orador é aquele que pode transformar um ouvido em olho”*

- Provérbio árabe



Divulgado

## STEPHEN GRUNLAN

*D.Min., pastor da igreja Comunidade de Balboa, San Diego, Califórnia, Estados Unidos*

**E**m uma classe introdutória de psicologia de uma grande Universidade, o professor fez soar uma campainha durante sua palestra. Em seguida, os estudantes receberam a ordem para escrever sobre o que eles estavam pensando no momento em que ouviram o som. Vinte por cento disseram estar alimentando pensamentos eróticos, outros 20% pensavam na família ou em problemas de trabalho e 12% prestavam atenção à aula. O restante estava pensando em tolices variadas.

Será que, como pastores, nos atrevemos a pensar que os membros de nossas igrejas seriam diferentes? Tudo isso nos

leva a uma questão simples: Como podemos captar a atenção dos nossos ouvintes?

Durante anos, eu tenho ocupado parte do meu tempo ensinando em universidades cristãs e seculares. Atualmente, ensino sociologia em uma faculdade local. Como parte do contrato, devo assistir a determinado número de horas de seminários de treinamento. Em um desses seminários, um professor de comunicação partilhou algumas estratégias sobre “Como conseguir que os estudantes ouçam”. Enquanto eu ouvia a palestra, ilustrada com pesquisas e exemplos que reforçavam seus pontos de vista, compreendi que tudo o que ele dizia aplicava-se a nós, pastores, na tarefa de conseguir a atenção dos ouvintes em nossas igrejas. Aqui enumero os principais pontos:

### **Dê uma razão para ser ouvido**

Necessitamos dar aos nossos ouvintes uma razão para que nos ouçam. Quanto mais imediata for a razão, maior será a sua atenção. Infelizmente, como pastores, frequentemente assumimos que as pessoas vão nos ouvir porque estamos pregando a Palavra de Deus. A realidade é que a maioria das



Letras

pessoas vão à igreja com pouca ou nenhuma motivação para ouvir.

Como podemos dar razões para ser ouvidos? Partilhando com os ouvintes os benefícios que eles terão. Por exemplo, se nós pregamos sobre Filipenses 5:21-33, podemos dizer-lhes: “Vocês sabem que esta passagem contém quatro princípios de ação que podem mudar seu casamento?” Isso despertará sua atenção.

### **Diga o que vão ouvir**

No exemplo dado, os ouvintes não apenas têm uma razão para ouvir, mas também tomam conhecimento do que vão ouvir: os quatro princípios de ação. As pessoas nos ouvirão mais cuidadosamente se lhes informarmos o que iremos falar.

Pesquisas mostram que quando as pessoas sabem o que vão ouvir, a atenção cresce 40%. É por isso que eu costumo incluir notas do sermão no boletim da igreja. O rascunho inclui alguns pontos relevantes da mensagem.

## Use ilustrações

Jesus usou muitas ilustrações e isso agradava o povo. Numa das minhas primeiras igrejas, eu illustrei um dos meus sermões com uma história sobre um navio e um farol. Durante os dez anos em que eu estive ali alguns irmãos ainda se lembravam daquela ilustração. Quando as pessoas me procuram no escritório, para conseguir a cópia de um sermão, elas não o identificam pelo título ou tema, mas por alguma história contada durante a mensagem.

Uma das razões pelas quais as histórias são tão efetivas é que elas são tanto visuais como verbais. Nossos ouvintes começam a fazer quadros na mente. Por isso, precisamos de palavras e ações descritivas em nossas histórias, para ajudar os ouvintes a pintar o quadro mental.

## Use palavras significativas

Como pastores, exageramos na linguagem teológica e nos polissílabos. Mas a maioria dos nossos ouvintes, mesmo os mais eruditos, usam os dissílabos de todo dia. Para comunicar com eles, precisamos falar sua linguagem. Não é a palavra que é importante, mas o seu significado é que deve ser transmitido.

Também precisamos usar expressões locais e coloquialismos familiares aos ouvintes. Gosto muito de esportes e costume usar ilustrações relacionadas com eles em meus sermões. Mas certo dia uma irmã me advertiu no sentido de que metade da congregação era composta de mulheres; e a maioria delas não se interessava por esportes. De modo que as ilustrações não faziam muito sentido para esse grupo. Passei a usar poucas ilustrações esportivas, e, quando o faço, refiro-me a eventos esportivos mundiais conhecidos como as Olimpíadas.

## Crie intimidade

Adote um comportamento de intimidade verbal e não verbal com seus ouvintes. Com isso quero sugerir um sentimento amistoso de aproximação e calor humano.

Uma atitude de aproximação verbal inclui linguagem informal, bem-humorada (sem ser irreverente), referência ao nome das pessoas, ilustrações pessoais. Quando usamos uma ilustração pessoal, permitimos que os ouvintes se identifiquem conosco. Outro exemplo de intimidade verbal é o uso da primeira pessoa do plural ao invés da segunda

ou terceira pessoas. Por exemplo, é melhor dizer: “nós precisamos tomar tempo para Deus cada dia”, do que “vocês precisam tomar tempo para Deus cada dia”. No primeiro caso, nós falamos com o povo (incluindo-nos). No segundo, falamos ao povo.

Intimidade não verbal envolve contato visual. Conheço congregações onde o pastor olha acima da cabeça do povo. Alguns pregadores não tiram os olhos do esboço, e ficam sem olhar o povo. O contato visual nos liga aos ouvintes. Embora não seja preciso decorar o sermão, devemos estar tão familiarizados com ele que necessitemos olhar apenas ocasionalmente as anotações. A maior parte do tempo devemos manter contato visual com o povo.

Uma postura rígida e formal distancia. Portanto, relaxe. Não costume ficar preso atrás do púlpito. Apenas deixo ali a Bíblia e o esboço, e uso um microfone de lapela. Assim, fico livre para movimentar-me na plataforma. Às vezes, quando quero fazer um apelo mais pessoal aos ouvintes, chego a caminhar pela nave.

O tom de voz também influencia. Os pastores tendem a levantar a voz quando querem enfatizar algum ponto. Entretanto, isso também afasta o povo. Uma aproximação mais efetiva é feita com um tom de voz mais baixo, terno, como que ao pé do ouvido.

## Ensine a fazer anotações

Precisamos acostumar o povo a fazer anotações. As pessoas que anotam o que ouvem prestam mais atenção e retêm o que foi dito.

Em minha congregação, pelo menos 70% das pessoas anotam o que eu falo no sermão. Além das referências no boletim, também distribuo um esboço com espaço para as anotações. Qualquer coisa que for feita nesse sentido ajudará as pessoas a se tornarem melhores ouvintes. Quando elas escrevem o que ouvem, de certa forma vêem e ouvem o que está sendo falado. Retemos mais aquilo que vemos e ouvimos do que aquilo que apenas ouvimos.

## Organize os assentos

Pesquisas revelam que as pessoas ouvem melhor, retêm melhor, e são mais facilmente persuadidas quando estão num cenário compacto. Quan-

do estabelecemos dois serviços de cultos, percebi que não poderíamos encher o santuário nos dois serviços. Para que não houvesse lugares vazios, fechamos o acesso aos bancos das laterais e demarcamos os bancos do centro para o povo, num arranjo compacto. Se o templo é grande demais para os adoradores, você precisa fazer algo para que eles ocupem os assentos da frente e do centro.

Parece que certas pessoas têm assentos favoritos no templo. Algumas preferem sentar-se mais afastadas, outras mais atrás, ou nas laterais. Na medida do possível, sem ferir sensibilidades, devemos fazer algo para alcançar um arranjo de assentos que favoreça a captação da atenção dos ouvintes.

A Palavra de Deus tem poder para mudar vidas, e é nossa responsabilidade ajudar o povo a ouvir mais efetivamente a apresentação dessa Palavra. Nosso objetivo deve ser a transformação da vida dos ouvintes. Acredito que as técnicas aqui sugeridas podem nos ajudar a cumprir as palavras do Senhor: “Quem tem ouvidos, ouça.” ✓

*“Na igreja,  
há três tipos  
de pregadores:  
aqueles a quem  
não podemos ouvir,  
os que podemos ouvir  
se envidarmos o  
máximo esforço,  
e aqueles a quem  
não podemos  
deixar de ouvir.”*

Williams Evans

# Estratégia evangelística para 2002

**L**íderes da Igreja Adventista na América do Sul estiveram reunidos em Brasília, DF, nos dias 30 de abril a 2 de maio. Administradores e departamentais apresentaram sua visão e maneiras de participar na estratégia missionária para a Divisão Sul-Americana, conhecida como Evangelismo Integrado.

“Já foi o tempo em que os departamentos da igreja se ocupavam só dos assuntos de sua área”, disse o Pastor Ruy Nagel, presidente da DSA, acrescentando que “hoje, todos têm de apoiar o evangelismo”.

A reunião que sempre acontece na metade do primeiro semestre, costumadamente não tem relatórios. Mas um dado chamou a atenção de todos: o crescimento da igreja na União Austral (Argentina, Paraguai e Uruguai). Nesses países, foram batizadas 8.349 pessoas no ano passado. Outra notícia importante veio da região Norte do Brasil, onde foram estabelecidas 202 novas congregações, em 2000.

## Visitante russo

O encontro sul-americano teve a participação do Pastor Arthur Stele, presidente da Divisão Euro-Asiática, juntamente com sua esposa Galina



Pastor Ruy Nagel, à direita, apresenta o Pastor Arthur Stele

Stele, coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial. O Pastor Stele veio conhecer detalhes dos planos e estratégias de crescimento da Igreja na América do Sul. Em suas mensagens devocionais, ele enfatizou o poder de Deus à disposição da Igreja.

Além dos sermões, o casal visitante contou experiências de conversões e milagres que estão acontecendo na Rússia, desde o período em que perdeu o regime comunista.

## Documento

A aprovação de um documento sobre Evangelismo Integrado para o ano de 2002, apresentado pelo secretário da DSA, Pastor Raul Gómez, fechou o encontro. “Este documento deverá nortear todas as ações da Igreja a partir de agora”, afirmou o secretário.

O documento estabelece o fortalecimento do “conceito inspirado da formação de pequenos grupos, a participação coordenada e unida de todos os departamentos da Igreja na missão”, além de prever a utilização de meios de comunicação de massa e “melhor controle dos recursos financeiros”.

“Dá-me o amor que mostra o caminho,  
a fé que nada pode extinguir,  
a esperança que decepção  
alguma faz recuar,  
a paixão que queima como fogo.  
Não permitas que eu afunde para  
tornar-me um mero torrão:  
Faze de mim Teu combustível,  
chama de Deus.”

Amy Carmichael

# Mais de mil batismos em Macapá



Pastores Otimar Gonçalves e Carlos Bussons

**C**ortada pela linha imaginária do Equador que divide o mundo em dois hemisférios, Macapá, capital do Amapá, foi palco de uma grande campanha de

evangelismo público durante o mês de abril e início de maio. Já foram batizadas mais de 1,5 mil pessoas.

O projeto foi liderado pelos Pastores Carlos Bussons, evangelista, e Otimar Gonçalves, diretor de Ministério Pessoal, da Associação Baixo-Amazonas. Eles conduziram uma equipe formada por 20 obreiros bíblicos e pelos Pastores distritais Raimundo Cutrim, Haroldo Cordeiro, Evaldo Oliveira e Antônio Gonçalves.

As pregações foram realizadas simultaneamente em seis auditórios. O Pastor Bussons liderou três deles; dois à noite

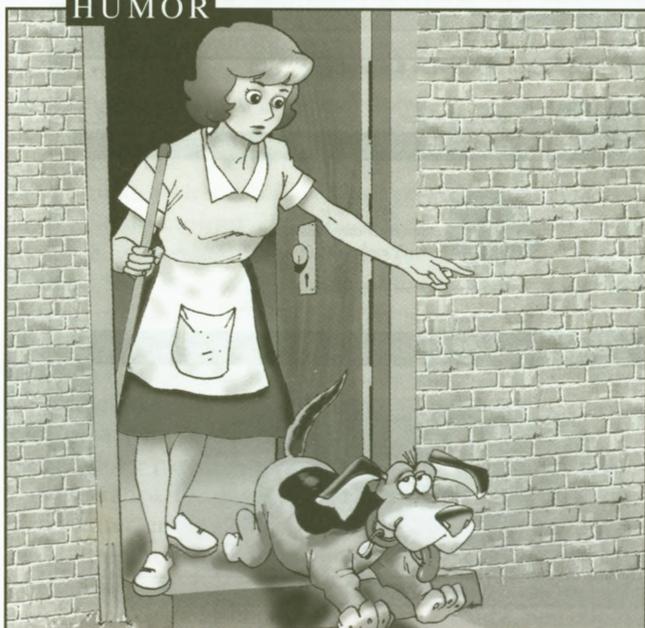
e um de madrugada. O Pastor Otimar liderou dois, à noite. E o Pastor Cutrim ficou responsável por um. Os demais pastores trabalharam juntamente com a equipe de obreiros, estudando a Bíblia com os interessados. As reuniões da madrugada tiveram início às 4h30 e reuniram um público médio de 350 pessoas por dia. Logo após a reunião era servido o desjejum a todos os participantes.

Antes da campanha, os adventistas em Macapá, eram cerca de dois mil. Hoje, a capital tem aproximadamente 3,5 mil adventistas. ✓



Reunião evangelística durante a madrugada, em Macapá

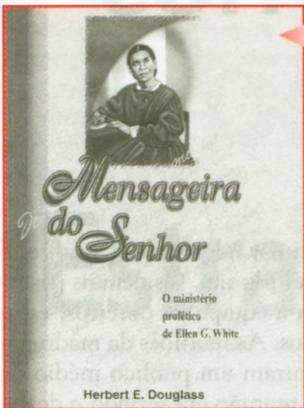
## HUMOR



“E lembre-se: você é o cachorro do pastor. Todos os outros cachorros estão observando você.”



“Faz muito tempo que eu estou me preparando e desejoso de pregar este sermão.”



**MENSAGEIRA DO SENHOR** – Herbert E. Douglass,

Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, CEP 18270-970 Tatuí, SP, Tel. (15) 250-8800; 587 páginas.

Este livro é o tratamento mais amplo já dado ao ministério profético de Ellen White. Trata-se de uma obra definitiva sobre a maneira como o dom profético funcionou em sua vida. Aqui você encontrará respostas para muitas perguntas: Passou Ellen White nos testes bíblicos de um profeta? Qual a relação entre seus escritos e a Bíblia? De que forma os papéis que ela desempenhou como esposa, mãe, vizinha, pregadora e personalidade pública afetaram sua função profética? Até que ponto são válidas as críticas dirigidas contra ela e sua obra? Pode esta mulher vitoriana falar de maneira significativa para a aldeia global computadorizada em que vivemos?



**ORIGENS** – Ariel Roth, Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, CEP 18270-970 Tatuí, SP, Tel. (15) 250-8800; 384 páginas.

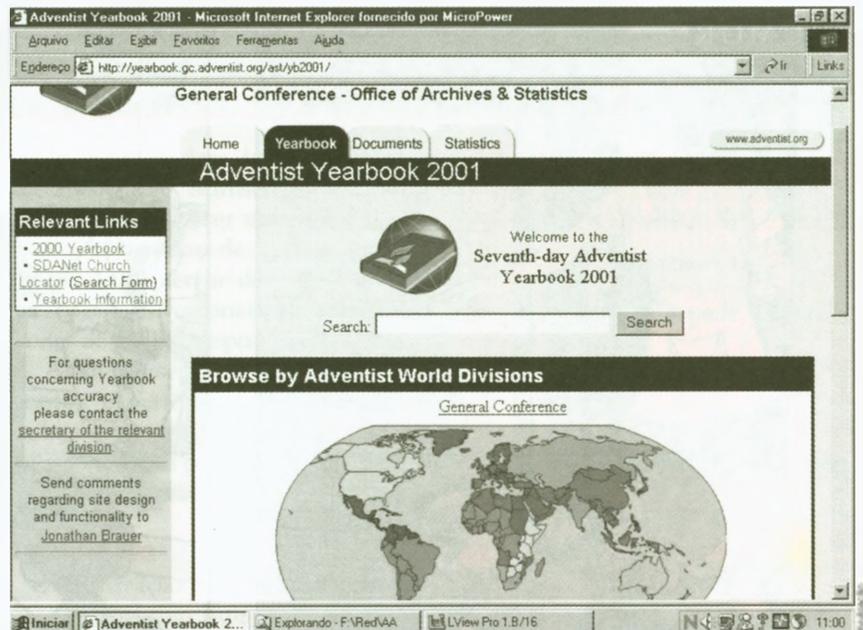
É possível harmonizar a ciência e a Bíblia? A ciência moderna, por meio da teoria da evolução, conseguiu refutar a narrativa bíblica da origem da vida? Quem aceita a teoria criacionista precisa, necessariamente, rejeitar a ciência? O autor, cientista e cristão, procura demonstrar que a harmonia entre a ciência e a religião nos traz uma compreensão mais completa do mundo que nos cerca, o lugar ocupado pelo ser humano, e o significado de sua existência.

Analisa as evidências da evolução e da criação, o dilúvio bíblico, a eficácia e as limitações do método científico, e a credibilidade das Escrituras. Por sua formação acadêmica (é doutor em zoologia pela Universidade de Michigan, Estados Unidos) e experiência científica, Roth se credencia para levar o leitor, através deste livro, a repensar seus pontos de vista.

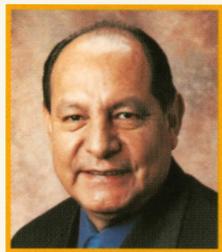
**VEJA NA INTERNET**

Qual a melhor fonte para obter dados estatísticos, endereços e informações atualizadas sobre a nossa Igreja? Seguramente é a página do departamento de Arquivos e Estatísticas no site da Associação Geral da Igreja Adventista.

Para ir diretamente a essa página, o endereço é: [www.adventist.org/ast](http://www.adventist.org/ast). Note que essa página contém três áreas importantes, identificadas pelas abas: **Yearbook** (onde se encontram o *Yearbook 2001* e dos dois anos anteriores), **Documents** (com centenas de documentos e informações disponibilizadas) e **Statistics** (que traz as mais diferentes estatísticas, principalmente dos últimos dez anos, por região, por atividade, etc., com tabelas e gráficos muito bem elaborados). Sempre é possível fazer buscas específicas ou clicar na região definida pelo mapa.



Lembre-se de recorrer a essa fonte quando precisar de dados ou números exatos sobre as atividades da Igreja. – Márcio Dias Guarda, editor de mídia digital da Casa Publicadora Brasileira.



Divulgação

**ALEJANDRO BULLÓN**

*Secretário ministerial da  
Divisão Sul-Americana da IASD*

**E**screvendo aos coríntios, o apóstolo Paulo afirmou que Deus decidiu “salvar os que crêem, pela loucura da pregação” (I Cor. 1:21). De acordo com essa declaração, concluímos que as duas prioridades no programa de ação do ministro deveriam ser pregar e salvar almas. Pregar é o instrumento. A salvação é o resultado.

Para sermos bem-sucedidos na salvação de almas, a pregação precisa ser mais do que simplesmente a exposição de um tema bíblico. Ela precisa estar direcionada para o seu grande objetivo de transformar vidas.

Cada vez que você entrar em sua sala de estudo, abrir a Bíblia e clamar pela direção do Espírito Santo na elaboração de um sermão, lembre-se de que a pregação não é simplesmente falar durante 45 ou 50 minutos. Desde os Céus, Deus contempla a humanidade, vê a luta e o drama de cada filho, observa as angústias interiores de cada coração, olha para a lágrima dos incompreendidos e para o vazio dos corações sem esperança. Ele deseja ajudar as pessoas, correr em auxílio de cada alma triste. Quer responder o clamor silencioso de cada ser humano, e só tem um instrumento para alcançar esses objetivos: a pregação.

Em sua infinita sabedoria, o Senhor confiou a tarefa de pregar a um ser humano de carne e osso chamado pastor.

Quanta responsabilidade! É um grande privilégio sermos os condutos de bênçãos dos Céus; “vasos limpos”, nos quais Deus deseja dar de beber água da vida aos cansados peregrinos.

O pastor que deseja ser um instrumento na salvação de almas deve aprimorar-se cada vez mais na ciência de comunicar o evangelho com sabedoria e simplicidade. Mas não confunda simplicidade com superficialidade. É não cometa o erro de achar que profundidade é dificuldade para ser entendido. Não complique a pregação. Seja claro e objetivo. Seja simples. Observe as crianças. Se elas começarem a ficar distraídas, correndo de um lado para outro, você está voando alto demais. Precisa descer ao nível de compreensão dos ouvintes.

Nunca se deixe influenciar pela cultura ou pelo nível intelectual dos que ouvem a pregação. A salvação é a mais profunda de todas as ciências, e Jesus a expressou de maneira simples: “Porque Deus amou ao mundo... que deu o Seu Filho unigênito” (João 3:16). Isso é tudo o que o ser humano precisa saber. Jesus não gastou tempo tentando explicar a Nicodemos os mistérios da teologia. “Deus amou”, disse Ele, e “deu o Seu Filho”.

Se um crítico de homilética analisasse hoje o sermão de Cristo, talvez o considerasse simples demais. Porém, Cristo não estava preocupado em satisfazer a vaidade intelectual de Nicodemos. Seu objetivo era salvá-lo, e tudo o que ele precisava saber era que Deus o amava tanto que dera o Seu Filho para morrer por ele.

Emociona-me a pregação de Cristo.

Volta e meia leio o sermão da montanha, estudo-o, medito nele e tento aprender a maneira maravilhosa como o Mestre sabia conquistar os corações mais endurecidos.

Se eu concluísse por aqui, falando somente da simplicidade da pregação, estaria equivocado. Afinal de contas, pregação não é apenas um assunto de palavras claras ou complicadas, de o pregador ser ou não entendido. Acima de tudo, é um assunto de vida. Por isso, quando quero aprender do Senhor Jesus como pregador, não procuro observá-Lo somente na montanha das bem-aventuranças; dirijo-me também ao monte no qual Ele costumava passar horas em comunhão com o Pai. Como poderia atrever-me, como pregador, a salvar almas apenas com técnicas humanas? Que coisa boa pode haver dentro do meu coração humano capaz de ajudar outros pecadores como eu?

Na montanha de oração, Jesus me ensina que não pode haver pregação sem vida. Palavras são levadas pelo vento; vidas, não. Elas tocam outras vidas, influenciam e inspiram. Nenhum pastor poderá ser um pregador eficiente, sem ter por trás de si uma profunda vida de oração.

É nas horas de meditação a sós, com Cristo, que você toca o Céu, recebe graça e poder com u’a mão e, depois, durante a pregação, com a outra mão, tenta alcançar o seu ouvinte com a graça e a salvação de Cristo. Isso pode parecer uma loucura aos homens. Mas “aprouve a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação”. Pense nisso. ✓

# Assine a Revista do Ancião para os líderes de sua igreja.



## Revista do Ancião

Recursos e orientações para anciãos de igrejas locais.  
Periodicidade trimestral  
36 páginas

Faça sua assinatura anual agora mesmo.

Ligue grátis

**0800-990606**

para fazer seu pedido, ou peça ao SELS de seu Campo.



**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**

Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-970 - Tel.: (15) 250-8800 - Fax: (15) 250-8900

SALT - IAE-C2

Palestrantes convidados da Associação Geral

## II Simpósio sobre Evangelização Pública

Data: 16 a 19 de agosto

Local: UNASP (IAE-C2)



Joel Sarli

Associação Ministerial da AG  
Especialista em Evangelismo Público e Escolas de Evangelismo



Peter Prime

Associação Ministerial da AG  
Especialista em Evangelismo da Graça e Igreja Local

Tema:

Evangelismo Público & Mídia

Preparado para evangelistas e pastores evangelistas

RESERVAS

FONE:(19)3858-9052

FAX: (19)3858-9025

E-MAIL: info@unasp.br

